

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

Manuela Nicotero Pestana

A Invasão dos Estados Unidos no Afeganistão: Uma Análise Crítica

Graduação em Jornalismo

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

Manuela Nicotero Pestana

A Invasão dos Estados Unidos no Afeganistão: Uma Análise Crítica

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo sob orientação
do Prof. José Arbex Jr.

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo ao corpo docente do curso de Jornalismo da PUC-SP, que, em vários sentidos, abriu minha mente para novas perspectivas através de debates importantíssimos dentro da sala de aula. Agradeço, em particular, meu orientador, o professor José Arbex Jr., que me ajudou na elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, oferecendo sugestões e apontamentos valiosos.

O Arbex com certeza é um dos melhores professores que já tive. Pouco tradicional, extremamente didático, ele explica de uma forma clara, ao mesmo tempo que oferece perspectivas únicas e incita nossa curiosidade enquanto alunos e jornalistas. Obrigada Arbex, por ter proporcionado tantos conhecimentos a respeito do mundo que vivemos.

Gostaria também de agradecer à minha família. Em especial, meu pai, Flávio, minha mãe, Isabel e meu irmão, Francisco. A maioria dos conhecimentos que adquiri durante o curso foi dividida com vocês durante nossos jantares envoltos de discussões acaloradas. Agradeço a vocês por me escutarem. Ainda, agradeço especificamente meus pais por terem me proporcionado uma educação de qualidade desde sempre.

Aos meus amigos, agradeço por ouvirem meus desabafos, por me incentivarem de formas que vocês talvez nem saibam, e por serem tão compreensivos e amáveis. Agradeço, em especial, as minhas amigas mulheres, a quem eu devo muito de quem eu sou. Tenho orgulho de cada uma de vocês, pelas mulheres fortes e incríveis que são. Obrigada por dividirem a vida comigo, pelas risadas, pelas discussões ricas em argumentos e *insights*, pelas lágrimas divididas e os sorrisos compartilhados. Vocês sabem quem são e o quanto eu amo vocês.

Por fim, mas definitivamente não menos importante, agradeço ao meu namorado Bruno, que com seu jeito especial me faz sentir bem, acolhida e amada. Ele me escutou e dividiu comigo cada parte desse processo, me colocou pra cima em momentos de crise e foi honesto em momentos em que era necessário. Obrigada.

Ainda, agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pelos anos de ensinamentos, debates e conhecimentos. Fui muito feliz aqui e levarei a universidade dentro de mim, em qualquer lugar que eu esteja.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
- Motivação	
- Palavras importam	
- Breves contextualizações	
● Os mujahedin e o Talibã	
● Osama Bin Laden e a Al-Qaeda	
2. Parte 1: Ponto de partida - 11 de setembro de 2001	12
- O antes do antes	
- Junho de 2000	
- O durante	
● Torre Norte do World Trade Center	
● Torre Sul do World Trade Center	
● O Pentágono	
● Voo 93 da United Airlines	
● Consequências imediatas	
3. Parte 2: A invasão dos EUA no Afeganistão e a justificativa de Guerra ao Terror	34
- Pontos de esclarecimento	
- Consequências dos atentados	
- Os discursos de Bush e a Política de Preempção	
- A invasão	
- Considerações sobre a política externa dos EUA após 11/9	
4. Parte 3: A inserção da mídia dentro do conflito	45
- A mídia como formadora de opiniões e o mito da imparcialidade	
- A cobertura	
- Bush, o estadista	
- Guerra das contradições	
5. Considerações Finais	58
- Outubro de 2023	
6. Referências Bibliográficas	62

1. Introdução

- Motivação

Sempre me interessei, de uma forma ou de outra, pela geopolítica do Oriente Médio. Algo me atraía em sua complexidade e confesso que quanto mais eu estudo sobre, mais complexo fica e mais interesse eu tenho. Ainda durante meu ensino médio, eu tive um professor muito bom que instigou minha curiosidade sobre o tema, porém, sendo uma aula ampla que abordava muitos assuntos, foi só em 2021, durante o meu primeiro estágio, que eu descobri um fascínio particular pelos conflitos do Afeganistão.

Em 2021 eu trabalhava na área de mídias sociais da TV Cultura (Fundação Padre Anchieta) e fui encarregada de “cobrir” o que acontecia no Afeganistão. Minha tarefa era, basicamente, ficar atenta ao desenrolar dos acontecimentos, que à época, configurava a retirada das tropas estadunidenses do país asiático. Confesso que não sabia muito a respeito desse conflito que, para minha surpresa, completava 20 anos - a minha idade. Aquilo me intrigou, e sendo também uma obrigação profissional, eu comecei a pesquisar a fundo sobre o tema.

Muitas coisas me confundiam no começo - e até hoje, lembra que falei da complexidade? -, por exemplo, o fato dos EUA terem financiado os *mujahedins*¹ na época da invasão soviética no Afeganistão, viabilizando, inclusive, a tomada de poder por parte deles. O que para mim se mostrava confuso era como um antigo apoio tornara-se uma guerra violenta. Como os “guerreiros santos”, uma vez mostrados pela mídia ocidental como heróis que lutavam contra a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) haviam se tornado o vil inimigo da maior potência do planeta.

Durante a ocupação soviética, de 1979 a 1989, existia uma tendência de criticar os abusos das forças ocupantes porque elas eram vistas como o agressor não provocado, e fechar os olhos frente aos abusos cometidos pelos Mujahidin, que, na época, receberam pela mídia a imagem de heróicos combatentes da liberdade.

(MARSDEN, 2002, página 3, tradução livre)

Foi aí que eu comecei a entender que quanto mais se pergunta, mais irônica a história fica. Essas contradições me cativaram, fazendo com que eu escolhesse esse tema para o meu TCC

¹ Mujahedin é o termo árabe para “combatentes”. Frequentemente, a designação também se refere aos “guerreiros santos”, já que são os mujahedins que se envolvem na jihad, a “guerra santa” muçulmana.

(Trabalho de Conclusão de Curso). Mas, para que fosse viável, eu teria que recortar essa narrativa de anos e limitar a minha pesquisa a uma pergunta a ser respondida. Decidi, portanto, escolher os primeiros anos de invasão dos EUA no Afeganistão, procurando assim, compreender as motivações dessa ofensiva e os objetivos a serem conquistados pelos estadunidenses. Afinal, esses objetivos foram bem sucedidos? É isso que tento responder a seguir.

No mais, relacionando o tema escolhido a minha graduação, tentei trazer uma abordagem midiática do conflito, me aprofundando em como os principais meios de comunicação se comportaram à época e qual linha narrativa foi escolhida. Nesta etapa do ensaio, a parte 3, procuro elaborar de forma crítica meus aprendizados durante os quatro anos de curso. Guardo como o principal ensinamento o fato de que a mídia, ao contrário do que muitos acreditam, não é imparcial e a simples escolha das palavras é um indicativo disso. Termos como “invasão” e “ocupação” podem ser lidos erroneamente como sinônimos quando, na verdade, carregam sentidos completamente diferentes.

Ainda, graças aos meus professores, que abriram margem para debates nas salas de aula, perdi certas ingenuidades que eu tinha a respeito dos meios de comunicação. Era minha crença, e acredito que a de muitas pessoas, que os veículos midiáticos sempre se colocam a favor do povo enquanto uma forma imparcial e confiável de obter informações a respeito dos temas de relevância da atualidade. O que descobri, inclusive ao escrever esse ensaio, é que a mídia é controlada por uma elite, que tem uma agenda própria e interesses próprios. A imprensa nada mais é do que um instrumento dentro dessa lógica capitalista de manipulação e isso fica mais do que claro na cobertura do conflito entre EUA e Afeganistão.

Em suma, através deste TCC, busco analisar a invasão dos EUA no Afeganistão, investigando o ponto de partida desse conflito, suas motivações e os objetivos delineados pelos invasores. Além disso, almejo examinar como essa invasão repercutiu em um país já fragilizado como o Afeganistão, destacando os impactos humanitários. Também pretendo investigar o papel da mídia diante da guerra e como ela influenciou a percepção pública dos eventos.

- **Palavras importam**

Como mencionado anteriormente e tratando-se de um TCC em Jornalismo, acho imprescindível enfatizar como a escolha dos termos dispostos neste ensaio foram escolhidos propositalmente. Assumindo que a imparcialidade de qualquer texto, especialmente aqueles veiculados na mídia, não existe, conclui-se que ao escolher uma determinada palavra, se escolhe também uma narrativa e uma linha de raciocínio, ainda que de forma velada.

Aqui, deixo claro, que utilizo o termo “invasão” de forma proposital, até porque é isso que acredito que tenha ocorrido de fato. Se eu tivesse empregado o termo “ocupação” uma outra linha narrativa estaria sendo construída, uma que envolve uma função social. A invasão tem o cunho de ser algo agressivo e territorialista, que é justamente o que estou tentando expor aqui.

- **Breves contextualizações**

Estereótipos negativos que o Ocidente cria em relação ao mundo islâmico provocou, portanto, a criação de estereótipos negativos do Ocidente por movimentos islâmicos radicais. Isto, por sua vez, endureceu mais ainda os estereótipos criados no Ocidente.

(MARSDEN, 2002, página 60, tradução livre)

● **Os mujahedin e o Talibã**

A palavra árabe “mujahedin”, também escrita “mujahidin” ou “mujaidim”, é o plural de “mujahid”, que em uma tradução literal para o português significa “combatente”. Os “mujahedin” seriam portanto, aqueles que se envolvem no combate, na luta, na “jihad” - a guerra santa dos muçulmanos que busca disseminar a fé islâmica. O termo, portanto, tem um teor abrangente e generalizado, existem vários subgrupos que partem dessa mesma premissa, como por exemplo, os Talibãs.

Além da disseminação da fé islâmica ser uma das cinco obrigações de todo o muçulmano, a peregrinação também é legitimada pela religião. Isso porque, consta no Alcorão que diante de ataques e abusos, o profeta Maomé fugiu de Mecca para Medina - um êxodo que ficaria conhecida como “Hégira”. Dessa forma, diante da invasão soviética no Afeganistão, que, na percepção dos fiéis, teria tornado o país menos religioso e mais secular, seria coerente e

respaldado na fé, a migração de muçulmanos para o Afeganistão de forma a lutar contra a dominação da URSS e, por conseguinte, recuperar as tradições islâmicas locais (MARSDEN, 2002).

Após a expulsão dos soviéticos, os mujahedins assumem o comando do Afeganistão. Porém, são enfraquecidos por conflitos internos provocados por uma clara disputa de poder. Diante disso, nasce em meados da década de 1990, na cidade de Candaar, os Talibãs, que em árabe, significa “estudantes”. Os Talibãs consistem em um grupo de jovens envolvidos no estudo religioso que repudiam fortemente as decisões dos líderes mujahedins, vistas como “práticas corruptas”.



Foto tirada em 1999 de soldados Talibãs em Cabul. Fonte: Council on Foreign Relations. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-war-afghanistan>. Acesso em: 18 de set. de 2023.

Liderados pela mulá Mohammed Omar, a quem o título de “Líder dos Fiéis” fora concedido, os Talibãs são conhecidos por terem uma “leitura rígida” das práticas religiosas estabelecidas pelo Alcorão, especialmente no que concerne aos direitos das mulheres. À princípio o grupo tinha como principal objetivo instituir a lei e a ordem e aniquilar a corrupção, não demonstrando particular interesse político em assumir a liderança do Afeganistão.

No entanto, tendo apoio de forças externas - ao que tudo indica, os Estados Unidos, a Arábia Saudita e o Paquistão foram agentes fortalecedores do grupo, oferecendo ajuda financeira - os Talibãs foram conquistando regiões importantes do Afeganistão: em outubro de 1994

tomaram Candaar, em setembro de 1995 tomaram Herat e em setembro de 1996 conquistaram Jalalabad e a capital Cabul. (MARSDEN, 2002).

Em 1996, após a tomada de Cabul, os Talibãs assumem o poder central do Afeganistão. De acordo com os líderes, o principal objetivo do grupo passa a ser o estabelecimento de um Estado islâmico que obedeça a lei da *sharia*². Passa a existir um árduo trabalho de “purificar” a população local, e uma série de determinações passam a se tornar obrigatórias. Por exemplo, homens devem abdicar de utilizar vestes consideradas ocidentais e deixar suas barbas crescerem, Além disso, mulheres seriam obrigadas a usar a *burqa*³. No mais, uma série de punições passam a ser legalizadas e praticadas, tais quais: apedrejamentos, mutilações e execuções públicas.

Assim, o princípio central do Talibã, quando tomaram o poder em Kandahar em outubro de 1994, era libertar o Afeganistão do controle dos partidos Mujahedin que governavam desde abril de 1992 e estabelecer um estado islâmico baseado na lei Sharia. Eles enxergavam que o governo deposto teria falhado em atender os padrões esperados de um Estado islâmico, apesar do longo envolvimento de seus líderes em movimentos islâmicos e o comprometimento desses líderes em criar tal Estado.

(MARSDEN, 2002, página 63, tradução livre)

- **Osama Bin Laden e a Al-Qaeda**

[Os membros da Al-Qaeda] Eles se consideravam servos de Deus. Como Seu representante terreno, Osama Bin Laden foi o agente perfeito para encantá-los: educado, rico, mundano, carismático, fanático - não alguém que tivesse que lutar, alguém que escolheu lutar.

(DER SPIEGEL, 2002, página 13, tradução livre)

Osama Bin Laden nasceu em Jeddah, na Arábia Saudita, em 1957. Embora tenha sido o único filho de sua mãe, Hamida, por parte de seu pai, Muhammad Bin Laden, Osama tinha mais de vinte irmãos. Muhammad imigrou para a Arábia Saudita do Iêmen e enriqueceu com a fundação de sua empresa de construção, que, em 1964, já acumulava um capital entre 2 e 3

² A palavra “sharia”, significa em uma tradução literal, “o caminho claro das águas”. Na prática constitui o sistema jurídico do islã, que, por sua vez, abarca a conduta a ser seguida, respaldada pelo Alcorão.

³ A burqa é um traje muçulmano, utilizado por mulheres, que cobre todo o corpo, inclusive o rosto.

bilhões de dólares. Com a morte de seu pai, é estimado que aos 16 anos Osama Bin Laden recebeu cerca de 57 milhões de dólares na forma de herança (POST, 2002).

O saudita é graduado em engenharia civil pela *King Abdulaziz University*, localizada na sua cidade natal, Jeddah. Durante os anos acadêmicos, Osama Bin Laden entrou em contato com o professor Abdullah Azzam que teve forte protagonismo no desenvolvimento de seu pensamento ideológico. Com o auxílio de Bin Laden, Azzam fundou a Maktab al-Khidamat (MAK), uma instituição que buscava recrutar jovens árabes muçulmanos para lutar no Afeganistão, contra a invasão soviética.

Bin Laden liderou um grupo de sauditas na jihad⁴ afegã, sendo um componente ativo na luta. Osama Bin Laden usou sua fortuna para financiar a causa dos mujahedin, construindo clínicas e hospitais. Ele passou a viver uma vida simples no Afeganistão, morando em cavernas com seus seguidores. Foi nesse período de sua vida que Bin Laden percebeu suas capacidades de liderança, sendo um homem eloquente, com ideias diretas e fortes, e, por isso, acabou acumulando apoiadores.

Durante os anos de invasão soviética, em meio à Guerra Fria, os mujahedin tiveram apoio financeiro dos Estados Unidos, resultando na saída da URSS do Afeganistão. Frente à sensação de êxito, Osama Bin Laden viu a oportunidade de expandir a jihad internacionalmente, realocando o inimigo para o Ocidente, mais especificamente, os EUA. A partir desse momento, Azzam e Bin Laden passaram a ter desavenças a respeito da continuidade da missão, o que levou a uma cisão. Uma célula, encabeçada por Bin Laden, surgiu da MAK, dando origem a Al-Qaeda, que em árabe significa “A Base”.

Quando queriam expulsar os soviéticos do Afeganistão, os Estados Unidos apoiaram grupos radicais islâmicos para conter o demônio de então, o comunismo. Fizeram mais: uma operação montada pelo ISI (serviço secreto do Paquistão) e pela CIA consistia em recrutar radicais islâmicos de vários países árabes para participar da Jihad, uma guerra santa contra os soviéticos.
(DORNELES, 2002, página 182)

⁴ Em árabe, “jihad”, significa a “Guerra Santa”, uma tentativa por parte dos muçulmanos de disseminar a fé islâmica. Por conseguinte, os “jihadistas”, configuram os “guerreiros santos”.

Em uma longa guerra declarada contra os Estados Unidos, que será mais desenvolvida ao longo do ensaio, Osama Bin Laden e seus seguidores da Al-Qaeda assumiram autoria dos atentados do dia 11 de setembro, tornando-se o principal inimigo dos EUA. Era, inclusive, imprescindível que a partir deste momento Bin Laden fosse reproduzido na mídia como um homem errático, fundamentalista e irracional.

A ideia sempre foi mostrar Bin Laden como um louco, um fanático religioso disposto a destruir uma civilização, alguém que não tem motivação política, mas que é movido pela inveja, pelo rancor.

(DORNELES, 2002, página 183)

2. Parte 1: Ponto de partida - 11 de setembro de 2001

Como mencionado na introdução, este ensaio pretende analisar de forma crítica a invasão dos Estados Unidos no Afeganistão. Para isso, primeiramente é preciso entender a sequência de eventos que levaram a tal, estabelecendo, portanto, um ponto de partida na narrativa. O ponto escolhido é o dia 11 de setembro de 2001, data em que os Estados Unidos sofreram o maior atentado terrorista de sua história em território nacional. Com o objetivo de trazer um detalhamento extenso e completo, inicia-se por relatar o planejamento que antecedeu o fatídico dia.

- O antes do antes

Mesmo enquanto tentavam manter o controle sobre Bin Laden, mesmo quando os sinais de alerta se transformavam em sirenes, os políticos e os serviços de inteligência americanos nunca compreenderam completamente o quão determinado Osama Bin Laden estava em executar a sua missão, que envolvia assassinato em massa dentro dos Estados Unidos. Apesar de pistas sólidas - que se intensificaram durante o verão de 2001 - e dos esforços investigativos sinceros de um pequeno número de indivíduos, no geral, a resposta do governo dos EUA a Bin Laden foi caracterizada por ligações perdidas, oportunidades desperdiçadas e negligência a sinais de desastre iminente.

(ZUCKOFF, 2019, página 17, tradução livre)

É curioso como, mesmo com tantos sinais e declarações explícitas de guerra, os Estados Unidos nunca acreditaram veementemente na ameaça colocada por Osama Bin Laden o que, inevitavelmente, acarretaria nos atentados do dia 11 de setembro. Em fevereiro de 1998, uma declaração oficial, assinada por Bin Laden e outros três líderes islâmicos, foi veiculada no Al-Quds Al-Arabi, um jornal palestino publicado em Londres. Nela, estavam escritas explicitamente suas motivações e objetivos. Respaldo em três pontos (1. a presença militar estadunidense na Península Arábica, 2. a Guerra do Golfo no Iraque e 3. o apoio dos EUA a Israel), a carta dava aval para que qualquer muçulmano matasse “americanos e seus aliados - civis e militares”.

Mesmo antes da divulgação da carta, Bin Laden já havia sido vinculado a ataques diretos contra os EUA. Em 1992, teve sua participação confirmada no atentado de um hotel no Iêmen onde militares estadunidenses se hospedavam. Ainda, em 1993, foi responsável por

um ataque que derrubou aeronaves militares dos EUA na Somália. Em 1995, colaborou com a explosão de um carro na Arábia Saudita, que acabou matando cinco cidadãos dos Estados Unidos. Em 2000, Bin Laden foi conectado a uma explosão que danificou o *USS Cole*, um navio estadunidense que estava abastecendo na costa do Iêmen, matando 17 tripulantes. Para além disso, em 1998, Bin Laden foi acusado de contribuir para a logística por trás do bombardeio das embaixadas dos EUA no Quênia e na Tasmânia.

Com tantos antecedentes, pode-se concluir que o atentado do dia 11 de setembro não foi planejado em 2001, na verdade, fora premeditado durante anos. Dentro da organização da Al-Qaeda existe uma subdivisão intitulada “Operações com Aviões”. Um dos principais componentes dessa célula, responsável por arquitetar os ataques envolvendo aeronaves, era Khalid Sheikh Mohammed - um antigo conhecido de Bin Laden. Mohammed era tio de Ramzi Yousef, o precursor da bomba implantada no World Trade Center em 1993 (outro “aviso” dado por Bin Laden).



Foto dos escombros do World Trade Center após bombardeamento em 1993. Fonte: Federal Bureau Investigation (FBI). Disponível em:

<https://www.fbi.gov/history/famous-cases/world-trade-center-bombing-1993>. Acesso em 18 de set. 2023.

Khalid Sheikh Mohammed é considerado o grande estrategista por trás dos eventos ocorridos em setembro de 2001 em território estadunidense. Seu plano inicial envolvia dez aeronaves sequestradas que, por sua vez, atingiriam pontos simbólicos dos Estados Unidos. No entanto,

Bin Laden optou por diminuir a escala do atentado, aprovando em 1999 a versão conhecida dos acontecimentos, com apenas quatro aviões.

O plano teve vários percalços durante seus anos de planejamento, mas, como proposto por Khalid Sheikh Mohammed ainda em 1996, jihadistas sequestrariam dez aviões e os usariam para atacar alvos na costa oeste e leste dos EUA. Bin Laden eventualmente rejeitou essa ideia, enxergando-a como muito complexa. Ele queria um plano que combinasse alto impacto e alta probabilidade de sucesso. Na versão minimizada, aprovada por Bin Laden em meados de 1999, o plano pretendia levar a fundo sua ameaça contra os EUA e seu povo e inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo, atacando símbolos do poderio político, militar e financeiro americano.

(ZUCKOFF, 2019, p. 31, tradução livre)

É importante destacar que os sequestradores dos ataques de 11 de setembro demonstraram inventividade e sagacidade em sua estratégia. Isso se deve ao contexto de 2001, marcado por anos sem ocorrências de sequestros aéreos nos EUA, levando a crença de que a maior ameaça eram possíveis bombas a bordo das aeronaves. Por essa razão, os membros da organização enfatizaram repetidamente durante o atentado que possuíam dispositivos explosivos a bordo - o que nunca foi comprovado, e admite-se ser uma mentira. Era crucial para eles que os passageiros e as torres de comando acreditassem se tratar de um sequestro tradicional, no qual existe uma ameaça de bomba e os sequestradores têm uma série de demandas. Para que o plano funcionasse era importante que ninguém suspeitasse de seus objetivos suicidas, de usar os aviões como armas de destruição em massa.

- Junho de 2000

Algumas coisas podem ser ditas com convicção a respeito dos ataques do dia 11 de setembro. Uma delas é que o plano foi executado sem grandes obstáculos e sem grandes custos. Ainda, pode-se dizer definitivamente que consistiu em uma estratégia planejada e elaborada. Nos 15 meses que precederam o atentado, 19 homens, em sua maioria sauditas, adentraram o território dos EUA, participaram do cotidiano local, se misturaram com a população estadunidense, se matricularam em aulas de voos, aprenderam a pilotar aeronaves e fizeram transações financeiras - tudo sem levantar suspeitas relevantes.

Quinze meses antes do ataque, os mais importantes membros das quatro equipes, os quatro pilotos líderes, estavam todos nos EUA.

Para que o plano corresse como planejado era necessário discrição, disciplina e organização. Por isso, dentro da pequena célula da Al-Qaeda que se formou nos Estados Unidos meses antes do atentado, existia uma espécie de hierarquia, de forma que todos os integrantes soubessem exatamente suas funções e responsabilidades. Havia quatro líderes, que, ao que tudo indica, configuram os pilotos de cada uma das aeronaves sequestradas. Mohammed Atta, egípcio, 35 anos; Marwan al-Shehhi, nascido nos Emirados Árabes; 23 anos, Ziad Jarrah, libanês, 27 anos; e Hani Hanjour, saudita, 32 anos.

Três dos quatro pilotos - Atta, al-Shehhi e Jarrah - foram recrutados para a Al-Qaeda juntos enquanto moravam em Hamburgo, na Alemanha. Eles estiveram no Afeganistão em 1999 onde receberam treinamento especializado da organização. Na mesma época, os três chamaram a atenção do líder Osama Bin Laden que os caracterizou como inteligentes e dedicados - além de terem conhecimento da língua inglesa, algo fundamental para executar o atentado com sucesso.

A primeira etapa do plano era uma das mais cruciais para que tudo corresse como planejado: aulas de voo. Atta e al-Shehhi se matricularam juntos em duas escolas de aviação na Flórida: a *Huffman Aviation* e a *Jones Aviation Flying Services*. Já Jarrah fez aulas no *Florida Flight Training Center*. O quarto piloto, Hanjour, no entanto, passou pelo processo no estado do Arizona, em uma renomada escola, o *CRM Airline Training Center*.

Os quatro homens, assim como todos os alunos que pretendem obter uma licença para pilotar aeronaves, precisaram passar por uma prova, pagar um valor fixo (que à época era de 9,9 mil dólares), fazer, pelo menos, 250 horas de treinamento e ler cerca de três extensos livros sobre teoria de voo. Conclui-se, portanto, que não se tratava de algo necessariamente fácil ou rápido, na verdade, era preciso empenho e disciplina. Alguns tiveram mais facilidade do que outros - Hanjour, por exemplo, foi o que mais sofreu com as aulas de voo, tendo problemas em diversas áreas do treinamento. Jarrah, apesar de ter sido elogiado por seus instrutores, nunca recebeu seu certificado. Porém, poucos meses depois, todos sabiam o básico e completaram com sucesso a primeira parte do plano.

Em paralelo com as aulas de voo, que pareciam ser o principal desafio, um árduo trabalho de logística também estava em curso. Para isso, a organização contava com três homens

especializados, Nawaf Alhamzi; Majed Moqed e Khalid al-Mihdhar, que eram responsáveis por administrar o dinheiro - recebido e a ser transferido -, comida, roupas e acomodações. E, o mais importante, tudo tinha que ser feito com o máximo de discrição possível, era imprescindível que os homens se misturassem com a população normalmente, de forma a não levantar suspeitas e permanecerem anônimos. Todo cuidado era pouco: o grupo permanecia apenas alguns meses em um lugar fixo e as transações financeiras eram esparsas, feitas em pequenos valores, para contas distintas, sem padrões e com origens diferentes.

Agora começava uma nova fase do plano: preparação para o sequestro e discrição enquanto aguardavam o fatídico dia. Arranjos para financiar o ataque já estavam combinados e em vigor. Segundo o FBI e a CIA, cerca de 500 mil dólares para a operação viriam através de mensageiros e transferências bancárias - principalmente dos Emirados Árabes, mas também de outros países como Bahrein.

(DER SPIEGEL, 2002, página 30-31, tradução livre)

Além dos responsáveis pela logística, a organização também precisaria de homens treinados, que não tinham uma função específica, se não estarem fisicamente preparados para uma possível luta e resistência na hora dos sequestros. Doze deles foram recrutados para o atentado, em maioria sauditas, que entraram nos Estados Unidos entre março e junho de 2001, através de voos com origem em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Seus nomes eram: Salim Alhamzi, Ahmed Alghamdi, Mohald Alshehri, Hamza Alghamdi, Fayez Ahmed, Satam al-Sūqami, os irmãos Waleed Alshehri e Wail Alshehri, Abdulaziz Alomari, Saeed Alghamdi, Ahmed al-Haznawi e Ahmed Alnami. Todos eles, junto com os responsáveis pela logística, seriam dispersos em quatro dos grupos liderados pelos respectivos pilotos no dia 11 de setembro, cada um com um destino diferente.

Todos os homens sabiam dos detalhes desse plano suicida? É duvidoso. Na visão de seus líderes, era mais seguro e prático deixar os assassinos a bordo acreditarem que se tratava de um sequestro 'normal'. Quanto menos pessoas soubessem, menor o risco de um deles ter um lapso e acabar contando algo ou perder a coragem ao pensar na morte iminente.

(DER SPIEGEL, 2002, página 34, tradução livre)

A verdade é que o plano foi muito bem orquestrado. A medida que o dia 11 de setembro se aproximava, a organização, e especialmente seus líderes, ficavam cada vez mais confiantes

que todas as peças do xadrez estavam no lugar certo. Com os meses de experiência, os 19 homens, visivelmente estrangeiros em um país como os Estados Unidos, pareciam não ser notados. A vez em que estiveram mais próximos de serem descobertos aconteceu quando Mohamed Atta, um dos pilotos, foi parado pela polícia rodoviária, o que se deu em duas ocasiões.

Na primeira delas, em março de 2001, Atta foi parado por dirigir de forma errática e não ter uma carteira de motorista válida nos EUA. Já a segunda, aconteceu em julho de 2001, por estar acima do limite de velocidade. Ainda que um mandado com seu nome tenha sido emitido no condado de Broward, ele saiu da situação com facilidade, recebendo apenas uma advertência e uma multa.

Dando seguimento a estratégia altamente planejada, os sequestradores se encontraram com Luiz Martinez-Flores, um imigrante ilegal de El-Salvador, que vendia, por apenas 50 dólares, identidades oficiais. Na Virgínia, onde estavam, obter o documento era um procedimento bastante acessível: bastava um único patrocinador afirmar, através de uma assinatura, que o indivíduo possuía uma residência fixa no estado. Apesar da simplicidade, essa era uma etapa necessária para todos os membros da organização que pretendiam entrar em algum dos voos utilizados durante o atentado. Isso porque, sem um documento estadunidense válido, os membros da equipe teriam de mostrar seus passaportes árabes, o que poderia levantar questionamentos e suspeitas.

Entre o dia 26 de agosto e 5 de setembro, os sequestradores compraram suas passagens. Sem enfrentar resistência, eles escolheram cautelosamente as aeronaves. Os quatro voos sairiam entre sete e oito da manhã de Boston, Newark e Washington D.C. Os aviões seriam Boeings 767 e 757, ambos modelos que os pilotos julgavam ser capazes de assumir. Ainda, os “destinos” das aeronaves em questão eram na costa oeste dos EUA, garantindo que a organização teria combustível suficiente para cumprir seus objetivos e que a explosão desejada teria força máxima.

Assim, espalhados por Boston, Newark, Washington D.C. e Portland, os 19 sequestradores saíram de suas acomodações, pegaram carros e aviões para se encontrarem nos respectivos

pontos de encontro. Para alguns era o Logan Airport, em Boston, para outros o Dulles Airport em Washington D.C. ou, ainda, o Newark Airport em New Jersey.

Os detectores de metal não dispararam. Os raios x de suas bagagens não mostraram nada que preocupasse o pessoal de segurança. Nem mesmo facas com lâminas de mais de dez centímetros de comprimento eram consideradas arriscadas pelas normas de segurança válidas até então, e, portanto, eram permitidas. (...) 'Tenha um bom voo'.

(DER SPIEGEL, 2002, página 51, tradução livre)

- O durante

Realmente, na maior parte do tempo, a CIA, a Agência de Segurança Nacional e o FBI não suspeitaram de nada. Por quinze meses, terroristas islâmicos planejaram o maior ataque da história dos Estados Unidos da América e ninguém percebeu. Isso porque os “Pilotos de Deus” não atacaram de fora, mas de dentro.

(DER SPIEGEL, 2002, página 46, tradução livre)

Cada um dos quatro aviões tinha um alvo específico no dia em que o plano foi colocado em prática. Atta e al-Shehhi ficaram encarregados da Torre Norte e Torre Sul do World Trade Center, respectivamente. Ambos os prédios, conhecidos popularmente como as “Torres Gêmeas” (*Twin Towers*), faziam parte de um enorme complexo localizado no centro financeiro de Nova Iorque - considerado um dos cartões postais da cidade. Hanjour seria o piloto que seguiria para Washington, indo de encontro com o Pentágono - sede militar dos EUA. Presume-se que o último avião, que teve seu sequestro liderado por Jarrah e acabou caindo na Pensilvânia, estava, na realidade, indo em direção à Casa Branca - o símbolo político do país.



Foto do World Trade Center antes do ataque. O complexo, inaugurado em 1973, abrigava duas torres, cada uma com 110 andares. Fonte: 9/11 Ground Zero. Disponível em: <https://911groundzero.com/blog/the-complete-history-of-ground-zero-before-and-after-9-11/>. Acesso em 18 de set. de 2023.

- **Torre Norte do World Trade Center**

A aeronave que atingiu a Torre Norte do World Trade Center era um Boeing 767-ER. O voo era o número 11 da companhia estadunidense American Airlines, cujo destino era Los Angeles (Califórnia). Para os comissários de bordo, a viagem em questão era conhecida por ser um “F9C19Y53”, o que significa que haviam nove assentos na primeira classe, 19 assentos na classe executiva e 53 assentos na classe econômica. Havia 92 passageiros a bordo, contando com sequestradores e tripulantes. Todos morreram.

Para o sequestro desse voo, o time era composto por cinco homens. Ao entrar na aeronave, o líder Atta se acomodou no assento 8D da classe executiva, ao lado de Abdulaziz Alomari, que se encontrava na poltrona 8G. Wail Alshehri e Waleed Alshehri estavam nos assentos 2A e 2B da primeira classe e, por fim, Satam al-Süqami no 10B da classe executiva. Com a intenção de não levantar suspeitas, os homens se dividiram em grupos naquela manhã.

No dia 11 de setembro de 2001, os irmãos Alshehri acordaram cedo e saíram juntos do Hotel Park Inn, em Newton (Massachusetts). Al-Süqami saiu sozinho do Milner Hotel. Já Atta, o líder, e Alomari, chegavam de outro voo, vindo de Portland (Maine). Às 7h30 todos os cinco

sequestradores se encontraram no portão de embarque 32 do Logan Airport em Boston. A aeronave decolou, com apenas 14 minutos de atraso do horário previsto, às 7h59 da manhã.

É um mistério o motivo pelo qual Atta e Alomari foram para Portland apenas para voltar para Boston na manhã do dia 11 de setembro. Uma possibilidade é que eles achavam que dessa forma levantariam menos suspeitas, ao invés de todos os sequestradores dirigirem até o Logan Airport juntos.

(ZUCKOFF, 2019, página 39-40, tradução livre)

O que se sabe do sequestro a partir deste momento foi relatado pelas torres de comando locais. Não é possível determinar, com exatidão, em qual momento eles decidiram colocar seu plano em prática. O que se pode afirmar com certeza é que, às 8h15, enquanto os passageiros sobrevoavam a cidade de Worcester (Massachusetts), a aeronave começou a virar levemente para a direção oposta de seu destino. Isso chamou a atenção do centro de controle e às 8h20 uma tentativa de contato com o voo 11 da American Airlines não foi atendido. Às 8h22, o radar presente na aeronave parou de emitir sinais e a altitude do voo não conseguia mais ser determinada.

Às 8h46 da manhã do dia 11 de setembro de 2001, a aeronave, sequestrada pelos membros da Al-Qaeda e, ao que tudo indica, pilotada por Mohammed Atta, colidiu com a Torre Norte do World Trade Center. Os sequestradores se nortearam através do rio Hudson durante o trajeto até Manhattan. O avião, cujo velocímetro lia cerca de 608 quilômetros por hora, atingiu diretamente o andar 94 da parte norte do edifício. Os andares 94, 95, 96, 97, 98 e 99 foram destruídos imediatamente. Por conta da sua envergadura de quase 48 metros, a aeronave destruiu cerca de 35 vigas externas do prédio, porém, dada sua constituição arquitetônica, o colapso da Torre Norte não foi instantâneo.

A morte veio em frações de segundos para as pessoas que se encontravam nos andares imediatamente afetados pela colisão. O fogo simplesmente os vaporizou.

(DER SPIEGEL, 2002, página 66, tradução livre)

Além disso, por conta do impacto, alguns dos elevadores e escadas ficaram inacessíveis, fazendo com que as pessoas que estivessem acima do andar 94 - ao todo o prédio, até então o mais alto da cidade, tinha 110 andares - ficassem presas. A única forma de resgate era por vias aéreas, porém, por conta da fumaça espessa e escura provocada pela colisão, os helicópteros não conseguiam chegar ao local. O calor era quase insuportável e o ar quase

irrespirável. Muitas das pessoas ilhadas acabaram não aguentando e pularam da janela. Nos primeiros minutos do atentado mais de 200 pessoas já haviam morrido.

Um homem é fotografado pulando do 106º andar. Seu nome é Norberto Hernandez, um confeitiro, pai de três e avô de duas. Seus olhos estão fechados e ele parece calmo, como se estivesse dormindo.

(DER SPIEGEL, 2002, página 73, tradução livre)



“*The Falling Man*” [O Homem em Queda] tirada por Richard Drew captura um homem caindo da Torre Norte do World Trade Center no dia 11 de setembro de 2001. Fonte: Associated Press. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/11863484@N04/1213153999>. Acesso em 18 de set. 23.

Apesar dos centros de comando saberem que se tratava de um sequestro, para os que estavam nos arredores da Torre Norte do World Trade Center a colisão não era vista como algo intencional, tratava-se de um acidente. O equívoco durou pouco, logo depois, a Torre Sul seria atingida.



Foto em que se vê a Torre Norte já atingida, e um avião se aproximando da Torre Sul. Essa imagem seria veiculada em meios de comunicação em todo o mundo. Fonte: NBC News. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/slideshow/amp/sept-11-attack-america-44209092>. Acesso em 18 de set. de 2023.

- **Torre Sul do World Trade Center**

A aeronave que atingiu a Torre Sul do World Trade Center era do mesmo modelo e fazia o mesmo trajeto que o avião que colidiu com a Torre Norte. Tratava-se do voo 175 da companhia aérea estadunidense United Airlines, que também saíra do Logan Airport em Boston e tinha como destino final Los Angeles (Califórnia). No dia 11 de setembro de 2001, o United 175 decolou às 8h14, 15 minutos depois do American Airlines 11, com apenas um terço dos assentos ocupados. Havia 65 pessoas a bordo, incluindo passageiros, tripulantes e sequestradores. Todas morreram.

Poucos minutos após a decolagem, o capitão da aeronave, Víctor Saracini, respondeu a um chamado da torre de comando, perguntando sobre o paradeiro do voo American Airlines 11, que já estava com seu radar desligado, impossibilitando que os responsáveis pelo tráfico aéreo impedissem possíveis colisões entre aeronaves.

Saracini comunicou então ter escutado na frequência radiofônica dividida por vários voos, incluindo o American Airlines 11, uma estranha mensagem, que poderia apontar algum tipo de problema. Ao que tudo indica, a transmissão escutada pelo piloto do voo United 175 era a seguinte: “Não se mexam. Vai ficar tudo bem. Se vocês tentarem algo, vão se prejudicar e

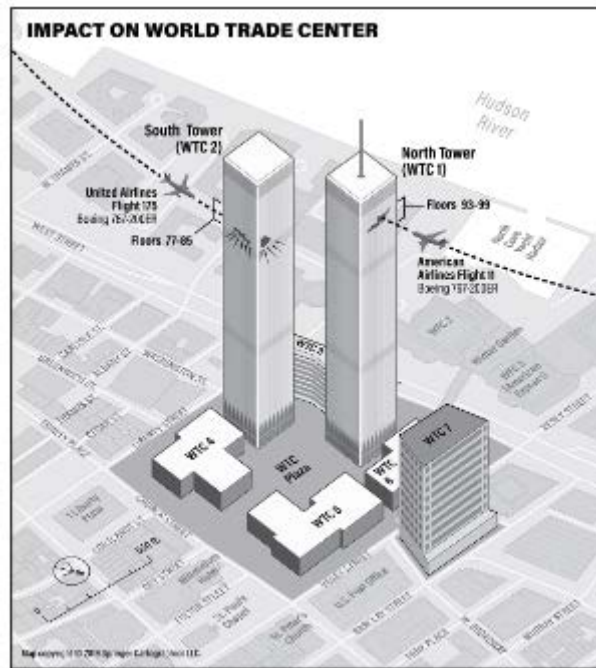
prejudicar o avião. Só fiquem quietos”. A mensagem, provavelmente proferida pelo sequestrador Atta, era destinada aos passageiros do voo American Airlines 11, porém, tendo um certo desconhecimento do aparelho que manuseava, Atta acabou enviando a mensagem para as aeronaves ao redor.

Enquanto estranhas transmissões eram captadas na cabine dos pilotos do voo United 175, uma movimentação acontecia no restante do avião. Em uma disposição semelhantes da que os sequestradores do American Airlines 11 escolheram, os representantes da al-Qaeda encarregados do voo United 175, também selecionaram assentos próximos na parte da frente e nos corredores da aeronave, de forma a estarem com posições privilegiadas no momento em que assumissem o trajeto do avião.

Fayez Ahmed e Mohald Alshehri escolheram as poltronas 2A e 2B da primeira classe - como não existia fileira 1, eles estavam imediatamente na frente da cabine de pilotos. Já os - possivelmente - primos, Hamza Alghamdi e Ahmed Alghamdi sentaram na última fileira da classe executiva, nas poltronas 9C e 9D. Por fim, o líder do grupo, Marwan al-Shehhi, que, ao que tudo indica, tomou controle da aeronave, visto que era o único entre os sequestradores que havia tido aulas de voo, se acomodou no assento 6C, também na classe executiva.

Assim como no voo American Airlines 11, não é possível determinar com exatidão em qual momento os sequestradores tomaram a aeronave. No entanto, o que pode ser dito com certeza é que às 8h47, um minuto após a colisão na Torre Norte, a central de comando passou a notar certos comportamentos suspeitos do voo United 175. A partir deste momento, a aeronave estava incomunicável - mais de cinco tentativas de contato não foram respondidas - e, pior, o voo descia e subia em altitude sem autorização prévia.

Muito do que se sabe do desenrolar dos sequestros, não só do United 175, mas também do American Airlines 11 é de ligações feitas por pessoas a bordo. Passageiros ligaram para seus entes queridos, relatando o que havia acontecido, e se despediam por saberem que a probabilidade de sobrevivência era escassa. Ainda, num profissionalismo chocante, a maioria dos comissários de bordo ligaram para seus respectivos superiores de forma a atualizar sobre a situação - seguindo o protocolo de crise à risca.



Esquema da colisão do voo American Airlines 11 com a Torre Norte e do voo United 175 com a Torre Sul.

Fonte: E-book Fall and Rise, The Story of 9/11. (página 6). Disponível em:

<https://play.google.com/books/reader?id=Y151DwAAQBAJ&pg=GBS.PT5.w.0.0.0.1&hl=pt>. Acesso em 18 de set. de 2023.

A colisão do American Airlines na Torre Norte do World Trade Center havia, sem dúvida alguma, chamado a atenção da mídia mundial, que agora mostrava imagens ao vivo da região e do que - até então - era visto como um acidente. Para a surpresa de todos, às 9h03, apenas 17 minutos depois do primeiro atentado, o voo United 175 atingiu a Torre Sul do World Trade Center. Com uma velocidade entre 870 e 890 quilômetros por hora, o impacto se deu diretamente entre o 77º e 85º andar do edifício - que, assim como a Torre Norte, também tinha 110 andares. A colisão do segundo avião foi documentada e transmitida para pessoas de todo mundo, em tempo real. Uma nova narrativa, que nada tinha a ver com “acidentes”, estava em curso.

O voo 175 da United Airlines voou rápido e baixo e colidiu com a Torre Sul do World Trade Center. Controladores de voo, funcionários de companhias aéreas, especialistas governamentais e militares e todos os outros precisariam aceitar um novo roteiro para sequestros, que apresentava uma trama multifacetada de assassinatos e suicídios projetada para maximizar as vítimas civis e aterrorizar sobreviventes através da destruição dos pilares físicos e simbólicos do poder da América.

(ZUCKOFF, 2019, página 71, tradução livre)



Foto das duas torres já atingidas pelos aviões. Fonte: Council on Foreign Relations. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-war-afghanistan>. Acesso em: 18 de set. de 2023.

- **O Pentágono**

Ao contrário dos Boeings 767 utilizados nos voos 11 da American Airlines e 175 da United Airlines, a aeronave que colidiu com o Pentágono, dando seguimento aos sequestros do dia 11 de setembro de 2001, era um Boeing 757. Apesar de ser fisicamente mais fino que o Boeing 767, ainda era uma aeronave grande e utilizada para trajetos transcontinentais. O terceiro avião era o voo número 77 da companhia aérea American Airlines.

Tendo decolado às 8h20, o American Airlines 77 saiu do Dulles Airport, localizado nas redondezas de Washington D.C., com uma rota traçada para Los Angeles (Califórnia). Dentro da aeronave estavam 64 pessoas, incluindo passageiros, tripulantes e sequestradores. Todos morreram.

Também se diferenciando dos demais sequestros, os representantes da Al-Qaeda que planejavam embarcar no voo American Airlines 77 enfrentaram certa resistência por parte da

segurança do aeroporto, o que, em retrospecto, poderia ter evitado que eles sequer chegassem à aeronave. Todos os cinco sequestradores passaram por algum tipo de “protocolo extra” o que, na prática, não resultou em nada. À época, a revista não era tão minuciosa, visto que o maior risco dentro de voos era considerado bombas em bagagens despachadas.

Até por isso, o protocolo de segurança ditava que, para zelar pela segurança de todos, as malas suspeitas deveriam ser colocadas no voo apenas depois do dono da bagagem entrar na aeronave. Esse procedimento foi executado entre os sequestradores, até por isso a mala de Atta, o piloto que colidiu com a Torre Norte do World Trade Center, não foi colocada a tempo no voo e ficou à mercê nas esteiras do Logan Airport.

Depois dos atentados, a bagagem foi encontrada, e dentro foram descobertos diversos itens relevantes para a investigação que sucederia o 11 de setembro. Entre armas e vídeos de aulas de voo estava uma carta, escrita em árabe, dirigida a todos que buscam colocar em prática um atentado terrorista - uma espécie de “manual de execução” - onde lia-se frases como: “Na noite anterior à realização de sua ação: Raspe todo o excesso de pelos do corpo, perfume seu corpo. Recite os versículos sobre o perdão. Lembre-se que esta noite você deve ouvir e obedecer porque enfrentará uma situação grave.”

No final, a seleção dos cinco homens para um novo protocolo de segurança revelou-se sem sentido. Assim como seus colaboradores, isso significava apenas que suas malas despachadas eram mantidas fora do avião até o embarque.

(ZUCKOFF, 2019, página 79, tradução livre)

Assim como nos demais voos, o time encarregado pelo sequestro do American Airlines 77 se colocou em uma disposição semelhante, escolhendo a maior parte dos assentos na frente da aeronave. O - provável - piloto, Hani Hanjour, sentou na poltrona 1B da primeira classe. Majed Moqed, e Khalid al-Mihdhar - homens que tinham participado ativamente da logística do plano - sentaram respectivamente nas posições 12A e 12B da classe econômica. Curiosamente, al-Mihdhar já era conhecido pelas autoridades por ser membro da organização al-Qaeda e, mesmo assim, viajou sem grandes percalços utilizando seu nome verdadeiro. Por fim, os irmãos, Nawaf Alhamzi e Salim Alhamzi, estavam nas poltronas 5E e 5F da primeira classe.

Os primeiros trinta minutos do voo American Airlines 77 foram tranquilos. Tanto os passageiros, quanto os comandantes e comissários de bordo não tinham qualquer conhecimento sobre o que acontecia no World Trade Center. Mesmo que uma ordem tivesse sido emitida logo após a Torre Sul ser atingida proibindo toda e qualquer aeronave que não fosse militar de decolar, voar e pousar em Boston ou Nova York, o centro de comando de Indianápolis (Indiana), responsável pelo tráfego aéreo do voo American Airlines 77, também estava completamente no escuro sobre os fatídicos desenrolares daquela manhã.

Cumprindo o padrão estabelecido pelos demais sequestros, o centro de comando de Indianápolis passou a notar um comportamento suspeito do American Airlines 77 por volta das 8h54 da manhã. O voo fez uma curva inesperada - e não autorizada - na direção sudoeste. Logo depois, o radar da aeronave foi desativado, impossibilitando que o voo fosse rastreado. Nos próximos minutos, a torre de comando tentaria incansavelmente contatar a cabine dos pilotos, porém sem resposta. Provando que os responsáveis pelo tráfego aéreo estavam sem informações sobre o que acontecia em Nova York, o primeiro instinto deles foi concluir que o avião tivesse sofrido algum tipo de defeito e caído.

[O centro de comando de Indianápolis] considerava a queda do avião como o cenário mais provável; em um vácuo de informações a respeito dos demais incidentes, nada do que os controladores de Indianápolis viram se enquadrava nas suas expectativas e treinamento do que configurava um ‘sequestro tradicional’.

(ZUCKOFF, 2019, página 82, tradução livre)

Tendo o American Airlines 77 aparentemente desaparecido, os centros de controle passaram a buscá-lo de forma incessante. Os controladores procuravam a aeronave no centro-oeste estadunidense, seguindo o rumo designado pelo piloto no momento da decolagem. No entanto, o sequestrador que pilotava o voo - muito provavelmente Hani Hanjour - havia colocado um novo destino no piloto automático: o Reagan National Airport em Washington D.C. Dessa forma, os controladores nunca achariam a aeronave em questão, visto que ela estava indo na direção oposta que deveria.

O American Airlines 77 voou indetectado por 36 minutos, com especialistas o procurando no lugar errado. Na realidade, às 9h28 o avião já se aproximava do destino proposto por Hanjour. Nesse momento, a cerca de 61 quilômetros do Pentágono, o piloto assume a direção manual da aeronave e adentra o espaço aéreo proibido da capital dos EUA. Os centros de controle temiam que o avião estivesse em curso de colisão com a Casa Branca, símbolo político do país e onde o Executivo trabalha diariamente. Apesar de George W. Bush, o então presidente, não estar nas dependências, o seu vice, Dick Cheney, estava em seu escritório naquela manhã.

Muitos acreditavam que a Casa Branca seria o alvo deste terceiro avião que havia desaparecido e aparentava ter sido sequestrado, porém, o capitão aposentado da marinha, William J. Toti, que trabalhava no Pentágono à época, discordava: “Refleti que a Casa Branca é difícil de ver do ar, não é um prédio assim tão grande. O obelisco de Washington é simbólico, mas bobagem. O Capitólio seria simbólico, mas não tem muitas pessoas que trabalham lá. E foi aí que eu pensei em voz alta: ‘[O American Airlines 77] Está vindo pra cá. Vai nos atingir.’”⁵

Não é à toa que o Pentágono, localizado em Arlington County (Virginia), possui esse nome. O complexo, que configura o centro de comando militar dos EUA, é constituído por cinco prédios separados que foram erguidos um ao lado do outro. Em sua composição interna, o Pentágono também possui cinco “anéis” que o dividem ainda mais. É considerado o maior prédio de escritório do mundo, tendo 27 quilômetros de corredores. Cerca de 20 mil pessoas trabalham diariamente no local.

⁵ William J. Toti foi um dos entrevistados durante o documentário “Ataque ao Pentágono”, produzido em 2016, pela National Geographic.



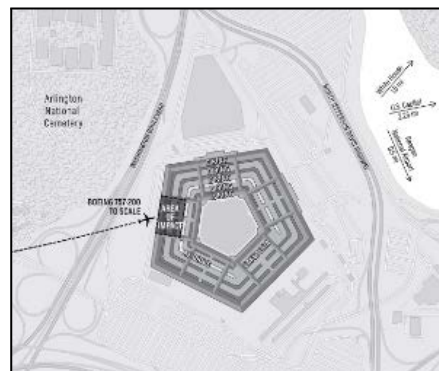
Foto do Pentágono visto de cima. Fonte: US Department of Defense. Disponível em:

<https://www.defense.gov/News/Feature-Stories/story/Article/1650913/10-things-you-probably-didnt-know-about-the-pentagon/>. Acesso em 18 de set. 2023.

Confirmando as suspeitas de Toti, às 9h37 em uma velocidade de 855 quilômetros por hora, o voo American Airlines 77 colidiu contra o Pentágono. A parte atingida configurava o anel E, no primeiro andar, entre os corredores 4 e 5. A destruição imediata provocada pela aeronave se estendeu até o anel B.

Depois de dirigir o voo American Airlines 77 em uma curva circular de 330 graus, Hani Hanjour ou outro sequestrador na cabine colocou o jato em rota de colisão com o símbolo de poder militar americano: um prédio que se assemelha a uma fortaleza de cinco lados e cinco andares.

(ZUCKOFF, 2019, página 104, tradução livre)



Esquema da colisão do voo American Airlines 77 contra o Pentágono. Fonte: E-book Fall and Rise, The Story of 9/11 (página 6). Disponível em:

Minutos após o terceiro avião colidir contra o Pentágono, o então presidente de operações nacionais da *Federal Aviation Administration* (FAA) tomou uma decisão sem precedentes e comandou que todos os voos que estivessem em espaço aéreo estadunidense pousassem imediatamente. A logística por trás dessa ordem era complexa, visto que se tratavam de 4.546 aeronaves. De todas elas, apenas uma não obedeceu.

- **Voo 93 da United Airlines**

Havia uma quarta aeronave que integrava o plano de sequestros colocado em prática por membros da al-Qaeda no dia 11 de setembro de 2001. Além do American Airlines 11, o United Airlines 175 e do American Airlines 77, existia um último voo a ser sequestrado: o United Airlines 93. Assim como os demais, o United 93 faria um trajeto transcontinental, saindo do Newark Airport, em New Jersey, com destino a São Francisco (Califórnia). A aeronave em questão era um Boeing 757, assim como o do voo American Airlines 77.

Existia um fator crucial para que o plano completo dos sequestradores funcionasse: o tempo. Não à toa, todos os quatro voos foram reservados na parte da manhã com curtos intervalos de tempo entre eles. Porém, nada garantia que no dia algum deles atrasasse, atrapalhando a estratégia a ser seguida. No que diz respeito aos três primeiros, o tempo fora quase cronometrado, com as aeronaves decolando poucos minutos depois do horário previsto. Esse não foi o caso para o United Airlines 93, que teve um atraso de 42 minutos.

Com previsão de decolagem para às 8h da manhã, o United 93 ficou preso em uma fila que se estendia no Newark Airport de quase quinze aeronaves. O voo só foi liberado para partida às 8h42 - poucos minutos antes do American Airlines 11 atingir a Torre Norte do World Trade Center. Vale ressaltar que, quando o voo United 93 decolou, os pilotos do voo United 175 já tinham informado a torre de comando sobre mensagens suspeitas, com possibilidade de sequestro. Ainda, é provável que, caso o voo United 93 tivesse atrasado um pouco mais, ele teria sido integrado na proibição de decolagens, emitida às 9h08, de todos os voos comerciais nas redondezas de Nova York.

Outro fator que vale ser apontado é o fato dos pilotos do voo United 93, Jason Dahl e LeRoy Homer Jr., estarem completamente no escuro a respeito dos sequestros que aconteceram naquela manhã. Mesmo com a proibição de decolagens ou as comunicações de rotina entre a cabine e as torres de comando, ninguém sequer mencionou o que se passava. Nem para os pilotos do voo United 93, nem para qualquer outra cabine possivelmente vulnerável que sobrevoava o espaço aéreo dos EUA. O aviso finalmente veio através de um funcionário da United Airlines, que os alertou sobre possíveis intrusões na cabine de controle das aeronaves. Infelizmente, o recado chegou tarde demais e às 9h28, os sequestradores colocaram seu plano em prática

O time designado para o sequestro do voo United 93 tinha uma certa desvantagem: ao contrário dos demais, eles possuíam apenas quatro homens⁶, ao invés de cinco. Em uma disposição parecida com os outros voos, todos os sequestradores compraram passagens na primeira classe. Ziad Jarrah, um dos integrantes da organização que passou por aulas de voo, sentou no assento 1B, o mais perto da cabine de controle da aeronave. Ahmed al-Haznawi se alocou na poltrona 6B, enquanto Saeed Alghamdi e Ahmed Alnami sentaram na 3D e 3C.

Cerca de 46 minutos tranquilos se passaram desde a decolagem do United 93 até a tomada da aeronave pelos sequestradores. Ao contrário dos demais voos, o radar do avião ficou ligado, possibilitando que a torre de controle observasse a mudança de trajeto. O - provável - piloto, Jarrah, fez uma curva abrupta na direção sudoeste, mudando o sentido da aeronave - ao invés do destino anteriormente traçado, o avião agora seguia para o leste, em uma rota que se encaminhava para Washington D.C.

Ainda, pelas transmissões captadas pela torre de comando, tudo indica que os sequestradores que assumiram a cabine de pilotos fizeram uma tripulante de refém - coisa que não aconteceu nos demais aviões. As circunstâncias apontam que, junto com Jarrah na cabine, também estava uma das comissárias de bordo da primeira classe, que gritava por socorro e, aparentemente, foi assassinada por um deles nos primeiros momentos do sequestro. Outro ponto divergente dessa aeronave, como já mencionado, era a questão do tempo. Além do

⁶ Cerca de um mês antes do atentado, o saudita Mohamed al-Kahtani chegou ao Aeroporto Internacional de Orlando em um voo vindo de Londres. Ele chegou aos EUA sem uma passagem de volta, sem acomodação reservada e portando pouco mais de 2,8 mil dólares. A segurança do aeroporto proibiu sua entrada no país e o mandou de volta para Dubai. As autoridades acreditam que al-Kahtani era o vigésimo integrante dos sequestros. No dia de sua chegada, Mohammed Atta, o piloto do voo American Airlines 11, estava na área de desembarque do Aeroporto Internacional de Orlando. al-Kahtani foi capturado em 2002 e levado para o centro de detenção de Guantánamo Bay, em Cuba.

atraso para a decolagem, a demora de mais de 40 minutos para colocar o plano em prática deu uma margem para que passageiros e comissários ficassem cientes dos demais atentados.

Ainda autorizado em 2001, muitos dos voos tinham telefones acoplados às poltronas e, para além disso, era permitido que passageiros fizessem chamadas de seus celulares pessoais. Dessa forma, quando tripulantes e as demais pessoas que ali estavam decidiram ligar para as autoridades, de forma a informar o que estava acontecendo, ou até mesmo para seus entes queridos, os passageiros foram avisados do que havia acontecido no World Trade Center e no Pentágono naquela mesma manhã. Mais de 37 ligações foram feitas em um intervalo de 30 minutos. Eles então deduziram que estavam a bordo de mais um voo com um propósito suicida e decidiram fazer algo a respeito.

Quase no mesmo momento que os telefonemas começaram a ser feitos no United 93, passageiros e tripulantes ficaram sabendo que sua crise não era particular. Eles também descobriram como os demais sequestros haviam terminado. Essa informação foi uma poderosa motivação, transformando-os de reféns para resistentes lutadores.

(ZUCKOFF, 2019, página 112-113, tradução livre)

Pelas gravações recuperadas do voo United 93, uma verdadeira batalha foi travada entre sequestradores e os demais passageiros. Protegendo a cabine de piloto, onde muito provavelmente estavam Jarrah e Alghamdi, al-Haznawi e Almani usavam facas contra os insurgentes, que tentavam desesperadamente assumir o controle da aeronave. O confronto durou cerca de 10 minutos e resultou na inevitável queda do avião na pequena cidade de Shanksville (Pensilvânia), com cerca de 200 habitantes.



Foto de cima da área em que o voo United 93 caiu em Shanksville (Pensilvânia). Fonte: Federal Bureau Investigation (FBI). Disponível em: <https://www.fbi.gov/video-repository/investigation-of-flight-93.mp4/view>.

Acesso em 18 de set. 2023.

Pelo que se sabe, segundo instruções de Atta, um dos sequestradores, caso o plano de alguma forma desse errado, a outra opção seria provocar a queda do avião (ZUCKOFF, 2019). Visto que o United 93 estava em direção a Washington D.C., acredita-se que o alvo de Jarrah e seus colaboradores era a Casa Branca ou o Capitólio, ambos símbolos importantes dos EUA. No entanto, dado o tenso embate que ocorria fora da cabine de pilotos, os sequestradores não acharam que seria possível segurar os insurgentes até o destino desejado - por isso a queda forçada em Shanksville. A aeronave em questão estava a cerca de 906 quilômetros por hora quando atingiu o chão às 10h03. Com mais de 18 mil litros de combustível a bordo, houve uma explosão imediata no momento da colisão. Washington D.C. estava a cerca de 15 minutos do local.

O voo United 93 que havia sido sequestrado não chegaria a Washington D.C., a cerca de 200 quilômetros de distância. Jarrah não colidiria o Boeing 757 cheio de combustível em um dos seus dois alvos mais prováveis: o Capitólio e a Casa Branca. Ninguém morreria dentro desses prédios. Nenhum dos monumentos queimaria ao vivo nas televisões de todo o mundo. O objetivo do quarto avião falharia.

(ZUCKOFF, 2019, página 124-125, tradução livre)

- **Consequências imediatas**

De acordo com o portal “9/11 Memorial”, os atentados do dia 11 de setembro de 2001 provocaram a morte de 2.996 vítimas. Dentre elas, 2.753 morreram durante o ataque em Nova York. 1.042 morreram na Torre Norte do World Trade Center. 614 na Torre Sul. 125 no Pentágono. Ao todo, 343 paramédicos e bombeiros faleceram.

3. Parte 2: A Invasão dos EUA no Afeganistão e a justificativa de Guerra ao Terror

No capítulo a seguir, pretende-se narrar, analisar e se aprofundar no que foi a invasão estadunidense no Afeganistão durante o início do século XXI. Conversando com a narrativa acima exposta, retoma-se pontos cruciais a respeito dos ataques do 11 de setembro, se analisa etimologicamente e criticamente o uso dos termos “Terrorismo” e “Contraterrorismo” e, por fim, narra-se sob perspectiva analítica as decisões tomadas durante o governo de George W. Bush que levaram à invasão.

- Pontos de esclarecimento

O Atentado do 11 de Setembro modificou as prioridades defensivas e militares dos Estados Unidos. Frente a um ataque que aparentava iminente, o então presidente, George W. Bush, se prontificou a traçar um plano de represália que mitigasse as ameaças terroristas, ao que ficou conhecido como “Contraterrorismo”, ou - mais popularmente - a Guerra ao Terror (*War On Terror*).

Antes de se aprofundar na invasão propriamente dita vale ressaltar novamente que sim, aqui emprega-se o uso da palavra “invasão” propositalmente, até porque, dentro dos paradigmas jornalísticos, entende-se que a escolha dos termos é de imprescindível importância para estabelecer o tom e a gravidade de determinadas situações - visto que o mito da imparcialidade não passa justamente disso, um mito.

Outro ponto que vale ser mencionado antes de adentrar no que de fato aconteceu no Afeganistão em 2001: é importante mencionar a amplitude dos termos vinculados ao conceito de “Terrorismo” e sua represália, o “Contraterrorismo”. Ambos conectados - visto que o segundo não existe sem o primeiro -, não possuem uma definição universal aceitável, o que, inevitavelmente, dificulta a delimitação do que de fato se configura como “Terrorismo” e, por conseguinte, o que pode ser legalmente aceito como sua contra-ofensiva.

Frequentemente se emprega o apelativo ‘terrorista’ para desumanizar ou desacreditar adversários políticos ou qualquer oposição ao regime estabelecido. O apelativo de ‘terrorista’, por um lado, parece justificar o emprego de todos e quaisquer meios na sua eliminação e, por outro, procura abrir uma brecha entre o

grupo assim considerado e a população em geral, evitando a simpatia desta com a causa daquele.

(SAINT-PIERRE, 2003, página 139)

Dessa forma, atribui-se uma “conveniência estratégica” (SAINT-PIERRE, 2003) à amplitude desses termos: como não existe uma definição universal, a terminologia pode ser flexibilizada para caber onde convir e, não só isso, a represália também fica à mercê de seus precursores. Torna-se difícil regularizar e até mesmo punir aqueles que de alguma forma excedam seus poderes militares, ferindo direitos humanos e afetando civis que em nada tem a ver com a Guerra ao Terror.

- Consequências dos atentados

Como extensamente detalhado no capítulo anterior, em setembro de 2001 os Estados Unidos foram atacados em seu próprio território. O fato em si já é raro ao analisar sob uma perspectiva histórica que a única outra vez que o país fora acometido no século XX consagrara-se em 1941 com o ataque à Pearl Harbour - que posteriormente levaria os EUA a ingressarem na Segunda Guerra Mundial.

Apesar de terem participado de diversos conflitos, como a Primeira e Segunda Guerra, a Guerra do Vietnã, a Guerra da Coreia, etc.; os EUA não haviam sido palco de um conflito armado, todos esses embates haviam ocorrido ou na Europa ou na Ásia, colocando um oceano de distância entre a população local e a guerra. Atacar o país em seu próprio território era quase inimaginável e feria não só o Estado mas o povo, em um lugar íntimo: como a maior potência do mundo pôde ser atacada em sua capital militar (Pentágono) e econômica (World Trade Center)? Uma represália à altura estava à caminho.

Através dos ocorridos no 11 de setembro, dois pontos ficaram nítidos para os estadunidenses: primeiro; eles não eram intocáveis, como imaginavam. E, segundo; seu sistema de segurança falhara terrivelmente. O ataque configura uma quebra em seus conceitos de invencibilidade, visto que se tratava de um grupo que não passava de 20 pessoas, arquitetando um atentado que matou milhares. Não só isso, o plano havia sido colocado em curso sem grandes obstáculos, demonstrando a facilidade de burlar a vigilância estadunidense e ainda, com pouco investimento - o atentado que mudou os paradigmas do milênio não custou quase nada.

Seja pela estratégia, pelo acaso, ou pela combinação de ambos, os sequestros simultâneos dos terroristas expôs vividamente e fatalmente as vulnerabilidades do sistema de defesa nacional americano em uma escala não vista há mais de 60 anos, desde os ataques do Japão a Pearl Harbour.

(ZUCKOFF, 2019, página 93, tradução livre)

Desta vez, que o impacto foi deflagrado no simbólico coração do sistema financeiro internacional e no centro do sistema nervoso da pleora que o defende, que ficou claro que não existe superpotência absolutamente invulnerável às mutantes formas do terror, que qualquer um pode ser alvo de um ataque terrorista (...), realizado não com fantásticos mísseis de grandes potências, mas por um pequeno grupo de fanáticos determinados a colocar sua vida como vetor da morte, apenas armados de aviões comerciais carregados de combustível nacional ou pelas infinitas variáveis de ataques imprevisíveis (...).

(SAINT-PIERRE, 2003, página 135)

Aqui, vale desconstruir uma suposição sobre atos terroristas em geral. O terrorismo tem como característica inata um propósito político - apesar do que alguns acreditam, os atentados terroristas não são perdidos de razão, muito pelo contrário, sob uma dinâmica desigual de poder, o terrorismo muitas vezes é a forma encontrada por um grupo oprimido, ou que se sente oprimido, de “fazer barulho”. Como a própria etimologia da palavra determina, o “Terrorismo”, possui uma instância psicológica dentro de si: a de instituir o medo. A estratégia consiste em causar terror no maior número de pessoas possível - vítimas indiretas -, sacrificando um grupo seletivo de pessoas - vítimas diretas.

- Os discursos de Bush e a Política de Preempção

Diante de um ataque em solo estadunidense, com o conceito de invencibilidade em xeque e sob a possibilidade de novos atentados, Bush toma suas providências para reconstituir a credibilidade dos EUA - ele dá início à Guerra ao Terror. Seu plano consistia basicamente em uma resposta agressiva e totalitária frente aos Estados que não o apoiassem incansavelmente, extinguindo a possibilidade de neutralidade. Seu objetivo era, não só aniquilar Osama Bin Laden e seus seguidores que constituíam o grupo terrorista “Al-Qaeda”, como mitigar qualquer possibilidade de retomada terrorista, independente dos atores.

(...)Os EUA também conseguiram o que esperavam na ONU. (...). A resolução 1.386 da ONU de 12 de setembro de 2001 estabelecia que o Conselho de Segurança ‘expressa sua disposição de tomar todas as medidas necessárias para responder (implicando o uso da força) aos ataques do 11 de setembro’. Essa resolução foi interpretada de forma ampla pelos EUA e aliados. (...) O presidente Bush declarou que a partir daquele momento os EUA não iriam diferenciar Estados que abrigam terroristas dos próprios terroristas (...).
(NASSER, 2021, página 105 e 106)

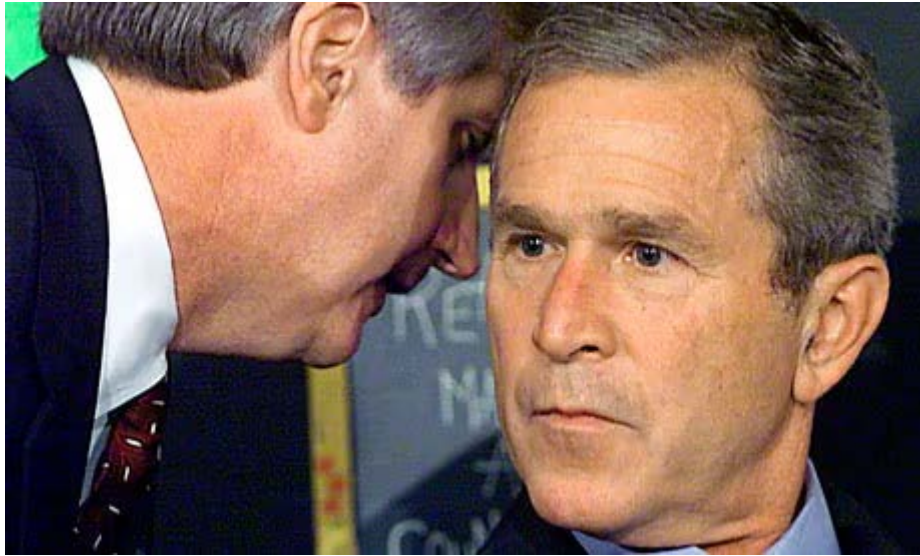


Foto do momento em que Bush toma conhecimento dos atentados no World Trade Center. Ele estava em uma escola na Flórida. Fonte: The Guardian. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2011/sep/04/september-11-schoolchildren-george-bush>. Acesso em 18 de set. de 2023.

Em seus discursos pós 11 de Setembro, Bush introduziu seu plano à população - não só dos EUA, mas do mundo todo. Tendo amplo apoio no Senado (98 votos a zero) e do Congresso Nacional (421 votos a 1)⁷, o presidente instituiu sua Política de Preempção associada à Guerra ao Terror. Na prática, essa determinação admite que os Estados Unidos ataquem qualquer Estado ou grupo em que haja a possibilidade de um ataque terrorista. É uma

⁷ O único voto contra Bush foi da democrata Barbara Lee, que atua no Congresso desde 1998 pelo estado da Califórnia. À época ela sofreu com ameaças de morte diante de sua decisão. Justificando sua escolha, Lee pontuou: “Estou convencida que ações militares não vão prevenir futuros atos de terrorismo internacional contra os EUA. (...) Por mais difícil que esta votação possa ser, alguns de nós devem apelar pelo uso da moderação. Nosso país está em estado de luto. Alguns de nós temos de dizer: ‘Vamos recuar por um momento, vamos fazer uma pausa, só por um minuto, e pensar nas implicações das nossas ações hoje, para que isto não saia do controle’” (tradução livre).

resolução que vai além do factual, até mesmo da profilaxia, quase chegando ao subjetivo, ao abstrato.

No dia 14 de setembro de 2001, em reuniões da Câmara dos Deputados e do Senado, foi aprovada a autorização que concedia ao poder executivo discricionariedade no uso da força que julgasse necessária e apropriada contra nações, organizações ou pessoas que tiveram algum tipo de participação direta ou indiretamente, nos ataques terroristas. Foi uma vitória acachapante mostrando o consenso alcançado num contexto de uma nação atacada.

(NASSER, 2021, página 104)



À esquerda manchete publicada na Folha de S.Paulo em 16 de set. de 2001. À direita, capa da Folha de S.Paulo no dia 13 de set. de 2001. Fonte: Acervo Folha de S.Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=15105&keyword=Bush&anchor=40185&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=0ed5055450adb836945761a6fa43ee0> e <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=15102&keyword=BUSH%2CBush&anchor=20262&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=8f4c7958a3ef11baf6c6053f83fc3511>. Acesso: 31 de out. de 2023.

Diante da menor possibilidade de ataque que seja, ainda que imaginária, ainda que inexistente, os EUA têm direito à “represália”. E pior, represália esta completamente tramitada na legalidade, respaldada em órgãos institucionais do legislativo do país. Ainda que firm os direitos humanos, ainda que matem civis, ainda que destruam países, desbanquem governos, ataquem inocentes - o poder atribuído ao Executivo, encabeçado por Bush, é

próximo ao absoluto. E é assim que vão invadir países como o Iraque e o Afeganistão, cometerem crimes de guerra condenáveis, e sair impunes - visto por muitos de forma heróica.

Parece haver uma certa dificuldade generalizada para considerar como ‘terroristas’ alguns dos atos de violência e comportamentos regulares, oficiais, aqueles praticados pelos governos (...). Todavia, essa dificuldade desaparece quando se trata de caracterizar o comportamento de indivíduos que manifestam sua inconformidade com a violência (...), mesmo que seja contra aqueles Estados que não duvidaram em empregar táticas terroristas contra a sociedade.

(SAINT-PIERRE, 2003, página 139)

Através de seus discursos, Bush delimita precisamente a existência de um eixo do “mal” - durante seu primeiro mandato, ele utiliza a palavra “mal” mais de mil vezes ao falar em público -, dando a entender que, por consequência, existia também um eixo do “bem”: os Estados Unidos e seus aliados. Em uma perspectiva maniqueísta, o presidente norte-americano deixou em aberto quem seriam os integrantes do “mal”, colocando-os como todos que se opusessem ao seu plano retaliativo. Ainda, em discurso no dia 20 de setembro de 2001, Bush deixa claro que a sua Guerra ao Terror não será pontual.



Bush discursando no Congresso dos EUA em 18 de setembro de 2001. Fonte: Council on Foreign Relations.

Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-war-afghanistan>. Acesso em: 18 de set. de 2023.

Nossa resposta envolve muito mais do que retaliação instantânea e ataques isolados. Os americanos não devem esperar uma batalha, mas uma longa campanha, diferente

de qualquer outra que já vimos. (...) Cada nação, em cada região, agora tem uma decisão a tomar. Ou você está conosco, ou você está com os terroristas. Deste dia em diante, qualquer nação que continue a abrigar ou apoiar o terrorismo será considerada pelos Estados Unidos como um regime hostil.
(BUSH, 2001)



Capa do jornal O Estado de S.Paulo, nos dias 12 e 13 de setembro de 2001 (respectivamente). Fonte: Acervo O Estado de S.Paulo. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010912-39411-nac-1-pri-a1-not> e <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010913-39412-nac-1-pri-a1-not>. Acesso em: 31 de out. de 2023.

- A invasão

Frente ao aval das instituições democráticas e da opinião pública, Bush avalia os pilares de sua operação, que ficou conhecida como “*Enduring Freedom*”. Questiona-se, inicialmente, se o então governo do Afeganistão, liderado pelos Talibãs - grupo fundamentalista islâmico - deveria ou não ser deposto para que um regime “democrático” fosse instituído. Na realidade, essa pretensão era inicialmente vinculada ao Partido Democrata - oposição do presidente norte-americano. No entanto, após negociações com os Talibãs, que por sua vez compreendiam que entregar Osama Bin Laden poderia ser mal visto pela população local, o governo dos EUA decidiu que sua estratégia teria quatro fases, culminando inevitavelmente na deposição dos Talibãs do poder.

Primeiramente, as tropas convencionais seriam viabilizadas em solo afegão pelos agentes especiais da CIA. Depois, uma intensa investida aérea seria ordenada para dizimar possíveis alvos da Al-Qaeda. Ainda, uma frente terrestre entraria em cena para encontrar e deter combatentes da Al-Qaeda e do Talibã. Por fim, seria feito um esforço, em conjunto com as diferentes etnias locais, de instituir um Estado democrático no país. Todo o processo se deu de forma rápida e não exigiu muitos soldados norte-americanos - no ápice do conflito, os EUA mandaram cerca de 60 mil militares, em adição a aproximadamente 15 mil dos demais membros da coalizão.

A primeira fase teve início em 7 de outubro e durou um mês; a segunda durou até final de novembro, quando o Talibã perdeu o controle do país; a terceira foi caracterizada por bombardeio intenso dos supostos bastiões da Al-Qaeda no complexo montanhoso de Tora Bora em dezembro; o quarto começou com a posse de Hamid Karzai como primeiro ministro interino em 22 de dezembro de 2001.

(NASSER, 2021, página 108)



Ataque aéreo no Afeganistão em 7 de outubro de 2001. Foto: Council on Foreign Relations. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-war-afghanistan>. Acesso em 18 de set. de 2023.

Apesar dos poucos homens, a ofensiva norte-americana não foi leve. Na realidade, tratou-se de uma retaliação agressiva, com mais de 20 mil ataques aéreos e cerca de 18 mil bombas. À época, muito se falou, especialmente por Bush e seus aliados, sobre o enorme sucesso da missão que, em pouco mais de dois meses havia se cumprido, eliminando a ameaça Talibã no Afeganistão. Para os membros do Partido Republicano, o Afeganistão fora tão eficaz que

via-se a possibilidade de ser replicado em outros países, ainda que com as devidas adaptações - como logo se viu no Iraque.

Sob uma perspectiva militar, especialmente para o alto escalão de Washington, a ofensiva no Afeganistão foi lida com êxito. No entanto, mesmo à época, a opinião pública já se dividia a respeito de sua eficácia. Afinal, Osama Bin Laden, a quem os norte-americanos personificavam como a principal ameaça ao país, tardou a ser encontrado - ele seria morto apenas em maio de 2011 -, bem como seus seguidores. No mais, para além da Al-Qaeda, é necessário avaliar a eficácia da missão estadunidense sob o viés humanitário. As sucessivas crises, dos mais diversos âmbitos, que se sucederam na região podiam ser observadas ainda que de forma embrionária em 2001, e atualmente - 22 anos depois - ficam ainda mais nítidas.

À medida que o tempo passava, era possível observar as consequências com mais objetividade, principalmente da perspectiva humanitária. (...) Até o início de janeiro de 2002, aproximadamente 200.000 afegãos fugiram para o Paquistão, e mais 1,2 milhão haviam sido deslocados internamente. O bombardeio arruinou grande parte da infraestrutura já precária do país (...). É preciso falar também do desastre humanitário (...). As agências da ONU alertaram os doadores que seriam necessários US\$1,33 bilhão para atender às necessidades básicas de nove milhões de afegãos durante o ano de 2002. Mesmo contando com essa ajuda, que evidentemente não aconteceu, havia um enorme risco de morrer no inverno devido à fome, frio ou doenças. O que, infelizmente, aconteceu.

(NASSER, 2021, página 112)

- Considerações sobre a Política Externa dos EUA após 11/9

Como previamente mencionado, os atentados do dia 11 de setembro modificaram os paradigmas estadunidenses em diferentes aspectos. Por exemplo, frente à uma aparente falha do sistema nacional de segurança, fortes investimentos foram feitos para que a vigilância norte-americana fosse potencializada - atualmente sendo conhecida por seu crivo severo e discriminatório. Além disso, o acontecimento “forçou” uma represália por parte dos EUA, que implicou em operações militares no Afeganistão e demais regiões do Oriente Médio, e, por conseguinte, estimulou a indústria bélica dentro do país.

Para além dessas mudanças, a Política Externa dos EUA também se adaptou à essa nova fase. No entanto, pode-se dizer que em certas instâncias as diretrizes permaneceram as mesmas - muitas vezes repetindo erros do passado. É importante colocar, por exemplo, a tendência ao unilateralismo por parte dos norte-americanos. Frente ao “sucesso” da Operação no Afeganistão, que teria corrido de forma rápida, com pouquíssima ajuda externa - dos aliados -, os EUA compreenderam a possibilidade de réplica em outros países e, não só isso, mas sem a necessidade de um diálogo internacional propriamente dito - em outras palavras, eles por eles.

Após um breve período de multilateralismo, em que as articulações diplomáticas realizadas, principalmente, pelo Departamento de Estado sinalizavam uma possível reorientação de sua conduta externa, o sucesso militar permitiu aos EUA retornarem ao seu unilateralismo anterior.

(NASSER, 2021, página 111)

Ademais, o Governo Bush explorou o intervencionismo no Afeganistão, ainda que com suas ressalvas. Por mais que tivesse objetivos claros - como a captura de combatentes terroristas e a instalação de um Estado democrático -, os quais pretendia seguir a fundo, os EUA se esquivavam de serem associados à “missões de paz” ou, até mesmo, ao conceito de “reconstrução de nações”. O plano concatenado pela administração de Bush, e especialmente defendido pelo Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, buscava minimizar custos de guerra e atribuir aos locais a responsabilidade de aniquilar grupos e ameaças terroristas. Para que isso acontecesse, os “senhores de guerra” e diferentes grupos armados ganharam força e autonomia, enfraquecendo o regime central de Cabul.

[O Acordo de Bonn]⁸ permitiu o pleno desenvolvimento da estratégia conduzida pelos EUA de uma política de cooptação de senhores de guerra e de comandantes para derrotar o Talibã. Aliás, mais do que ser vago, o Acordo de Bonn, fechou os olhos para o montante de recursos e armas que os EUA passaram para os diferentes grupos armados não estatais. Ou seja, o Acordo de Bonn foi uma forma de legitimação internacional dos senhores de guerra, concedendo-lhes posições de destaque e poder dentro do governo interino.

(NASSER, 2021, página 123)

⁸ O Acordo de Bonn consistiu em uma reunião internacional para discutir a situação política e econômica do Afeganistão após a ofensiva norte-americana em outubro de 2001. As reuniões aconteceram em dezembro de 2002.

No entanto, mesmo com a perspectiva de atribuir autonomia aos locais, o governo Bush estava atento e pronto para vetar qualquer decisão que não fosse compatível com seus planos e ideais. Vale lembrar que, à época, sob os preparativos de eventualmente introduzir eleições diretas e uma sociedade democrática, criou-se na capital uma *loya-jirga* (que, em pashtun, língua local, significa “grande conselho”), que teria a colaboração de representantes de diferentes regiões do Afeganistão.

Na ocasião, uma carta chegou às mãos do primeiro-ministro, Hamid Karzai, com uma proposta por parte dos Talibãs de participarem desta assembleia. Apesar de ser vista como uma possibilidade de diálogo por Karzai, os EUA prontamente vetaram a ideia. Novamente, os estadunidenses seguiam a lógica de que os derrotados devem ser subservientes a todas as imposições dos vitoriosos, sem brechas e conciliações.

Seguindo a tradição da política externa dos EUA desde a Primeira Guerra Mundial, a administração Bush avaliou que o Talibã fora derrotado e que, portanto, não havia motivo que justificasse estabelecer qualquer tipo de negociação. O vencido deve se submeter incondicionalmente ao vencedor.

(NASSER, 2021, página 119)



Foto tirada em dezembro de 2001 do primeiro-ministro, Hamid Karzai, em Cabul. Fonte: Council on Foreign Relations. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-war-afghanistan>. Acesso em: 18 de set. de 2023.

4. Parte 3: A inserção da mídia dentro do conflito

A imprensa pediu guerra e foi atendida. Ignorou massacres, desrespeitos aos direitos humanos e às liberdades individuais, a destruição de um país miserável pela maior potência militar do planeta e deu vazão ao patriotismo como senha para a obediência ao poder. Numa guerra em que os americanos jamais combateram em solo, a mídia descreveu um conflito diferente, muito mais limpo e heróico.

(DORNELES, 2002, página 17)

No seguinte capítulo, pretende-se fazer uma reflexão a respeito da resposta midiática frente ao atentado do 11 de setembro e suas repercussões. Como visto previamente, o ataque aos Estados Unidos no início do milênio levou a uma contra-ofensiva do mesmo que ficou conhecida como “Guerra ao Terror”. Aqui, será necessário fazer um apanhado do que foi veiculado à época, explorando como a represália estadunidense foi relatada e qual linha narrativa foi escolhida. Para além disso, será imprescindível uma análise crítica da prática jornalística aplicada.

- A mídia como formadora de opiniões e o mito da imparcialidade

Como mencionado algumas vezes no presente ensaio, deixa-se claro e considera-se de crucial importância pontuar sempre que necessário que a imparcialidade midiática nada mais é do que um mito. É comum a crença de que os veículos jornalísticos devem cumprir um papel de terceiro dentro da sociedade, delatando injustiças e crimes e se colocando à favor da informação acima de tudo. No entanto, como será exposto a seguir, esse pensamento faz parte de uma ilusão que integra a lógica de manipulação dos grandes meios de comunicação.

A imprensa, assim como o Estado, são controlados por uma elite que visa proteger e perpetuar seus interesses. Para fazer essa manutenção, ela age sob as principais instituições sociais, controlando a opinião pública e as decisões governamentais - até porque ela ocupa os cargos políticos de relevância. Dessa forma, tanto o Estado, quanto os jornais passam a se comportar como verdadeiras corporações, defendendo seus objetivos particulares e assegurando que permaneçam sempre no alto escalão da pirâmide social, com possibilidade de controlar o imaginário da população.

(...) Salvo raras exceções individuais, os diferentes veículos entraram a fazer parte do esquema de poder político, quer oficialmente como órgãos do governo, quer lateralmente, como empresas privadas que se aliam aos governantes, ou exercem uma influência preponderante sobre os Poderes do Estado, notadamente o Executivo e o Legislativo.

(COMPARATO, 2002, página 14)

De acordo com pensamento concatenado na década de 1950 pelo sociólogo Guerreiro Ramos, o que se constrói entre a elite (e aqui compreende-se as grandes corporações, que incluem a grande mídia) e o Estado é uma “dialética ambigüidade”. Na prática, esse conceito estipula que a relação entre ambas as partes é simbiótica - uma via de mão dupla. Por um lado, os governos precisam ser respaldados na opinião pública que, por sua vez, é fortemente formulada através do que sai na mídia - em tese, a fonte de informação mais confiável e imparcial. Ainda, por conseguinte, para que as empresas continuem ocupando seu lugar de privilégio é necessária a manutenção do sistema capitalista, algo que depende das decisões estatais.

A mútua dependência acaba por suscitar, (...) um acordo, visando o exercício conjunto do poder político, econômico e cultural sobre aquilo que é essencial para ambos os lados. Quem fica de fora do acordo é, obviamente, o povo.

(COMPARATO, 2002, página 15)

Conclui-se, portanto, que dentro da lógica implementada pelo sistema capitalista, as classes dominantes, a imprensa e o Estado formam um triângulo de influência e poder que rege a sociedade, especialmente no que concerne à opinião pública. No mais, analisando a perspectiva localizada no tempo-espaço do presente ensaio, o que se viu foi a execução da estratégia imperialista por parte dos Estados Unidos sendo aplicada também na grande mídia. Com a ascendência das tecnologias e a facilidade em disseminar informação, a potência estadunidense viu a necessidade de gerar um consenso positivo entre os países do Ocidente sobre sua campanha de Guerra ao Terror, e o que se viu foi a submissão generalizada da mídia ocidental frente aos EUA.

As políticas de dominação imperial exigem uma cobertura ideológica sem fronteiras, por parte dos grandes veículos de imprensa, rádio, televisão e cinema. (...). O grau de omissão intencional de informações e a distorção deliberada de notícias, manifestado por aqueles jornais (...), atingiu o mesmo nível de

subserviência que os serviços de propaganda dos Estados totalitários costumam ostentar.

(COMPARATO, 2002, página 15)

Para Silvio Caccia Bava, autor do texto “A Guerra das Ideias: A Disputa das Narrativas”, o que se assiste na interação entre povo, Estado, imprensa e elite é justamente uma disputa - um embate - sobre quem terá a influência formadora de opinião, que por sua vez dá acesso e aval ao poder. Como mencionado anteriormente, o que se nota é um engenhoso mecanismo que liga intimamente todas as partes, fazendo com que os meios de comunicação sejam vassalos do Estado, que por sua vez, são submissos às grandes corporações que seguem a lógica capitalista. Para que esse sistema exista de forma funcional é necessária a “manufatura do consenso” (CACCIA BAVA, 2016).

A “manufatura do consenso”, citada por Caccia Bava mas idealizada por Noam Chomsky, fala sobre a capacidade de criar uma sociedade - ou mais de uma - que tenha certeza de algo, sem possibilidade de dúvida e questionamento. Na prática, esse conceito é tão eficaz e manipulador que dá a ilusão à população de que o debate é livre, quando não é. O que acontece é que a mídia, influenciada pelas demais partes, estimula o diálogo dentro de paradigmas previamente propostos, não sendo possível, de fato, questionar as estruturas que sustentam uma determinada problemática.

Essa habilidade com que as elites e as classes médias altas dominam o que Chomsky chama de ‘o mercado das ideias’ permite a esses estratos sociais influenciarem, ou mesmo moldarem, a percepção da sociedade como um todo sobre a realidade política e limitarem as possibilidades de mudanças políticas e sociais.

(CACCIA BAVA, página 1)

Dessa forma, as elites não só determinam o que será veiculado na imprensa, como também delimitam até onde certos “questionamentos” podem ser elaborados. É o que ele chama de “interditar o debate”: a partir do momento que a elite compreende que a repressão absoluta das retóricas existentes na sociedade é impossível, ela usa de um mecanismo extremamente habilidoso, passando a oferecer o espaço para discussões dentro dos limites propostos, nunca excedendo as pré-determinações da classe hegemônica. O principal objetivo dessa delimitação é minar qualquer mudança que possa provocar uma transformação social efetiva.

É com base nessa produção teórica e política conservadora que se abre um novo campo de disputas e começa a batalha da comunicação: a tradução dessas narrativas para professores e estudantes das universidades, para formadores de opinião e para o público em geral. Jornais, revistas e televisão levam essa visão de mundo simplificada para a opinião pública.

(CACCIA BAVA, 2016, página 2)

Tratando-se da invasão dos EUA no Afeganistão, por exemplo, o debate proposto seria qual o papel da oração em tempos como esses? Como não se deixar ser levado pela emoção? Qual seria o próximo passo para evitar a perpetuação do terrorismo e suas consequências? Todas questões que estão dentro do “autorizado”, sem demonstrar interesse em perguntas relevantes como, qual a relação do Afeganistão com o 11 de setembro? Qual as implicações de invadir e declarar guerra contra um país tão miserável? Qual o motivo por trás do ataque?

A cobertura pós 11 de setembro se transformaria no episódio mais censurado, autocensurado e distorcido de que se tem notícia na história da imprensa em tempos de guerra. Logo depois dos atentados, a imprensa americana - e toda a imprensa ocidental de roldão - pediu guerra, declarou-a antes do governo.

(DORNELES, 2001, página 19)

- **A cobertura**

Criou-se a sensação de que o mundo estava, literalmente, junto com as torres gêmeas. Todas as televisões do mundo, pelo menos do mundo ocidental, mostravam, incessantemente, os aviões derrubando os edifícios, as pessoas fugindo em pânico, o pavor, a morte e a destruição. As cenas, por seu ineditismo simbólico - agora, era a sede do império que sofria, e não mais um país da “periferia” - criaram um grande impacto psicológico.

(ARBEX, 2004, página 51)

Pode-se analisar a influência midiática na invasão estadunidense no Afeganistão tanto de uma perspectiva micro, quanto uma perspectiva macro. Considerando a dinâmica doméstica dos EUA, seria conveniente para os principais membros da elite do país, interessados nas reservas petrolíferas da região, que a invasão ao Oriente Médio fosse viabilizada e, não só isso, mas respaldada na opinião pública. Ainda, sob o escopo global, os Estados Unidos se asseguravam como líderes hegemônicos - a se ver pela possibilidade de instituir a Política de

Preempção, por exemplo -, determinando também a linha narrativa - e bélica - a ser seguida nos demais países do Ocidente.

A história toda no Afeganistão não diz respeito a Bin Laden e suas posições religiosas, embora elas guardem alguma relação com isso, mas a um grande golpe por parte dos EUA para apoderar-se de todo o petróleo e gás natural da Ásia Central.

(Folha de S.Paulo, 2002)

[Em 1979] Os Estados Unidos passaram a considerar que estavam em desvantagem em uma região estratégica para eles: a região do petróleo, dos oleodutos vitais para o abastecimento do Ocidente. As empresas americanas de petróleo precisavam do território afegão para fazer passar seus oleodutos do mar Cáspio ao Oceano Índico.

(DORNELES, 2002, página 171)



À esquerda, manchete do caderno de Internacional do jornal O Estado de S. Paulo no dia 8 de out. de 2001. À direita, capa do jornal O Estado de S. Paulo no dia 10 de out. de 2001. Fonte: Acervo O Estado de S. Paulo.

Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20011008-39437-nac-1-int-a1-not> e <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20011010-39439-nac-0001-pri-a1-not>. Acesso em 31 de out. de 2023.

Dessa forma, nasce a linha narrativa seguida durante os anos de Guerra ao Terror pós 11 de Setembro. A história sendo contada era clara ao apontar o dedo ao inimigo - os terroristas. E quem seria esses? Quem convir e estiver no caminho do projeto agressivo dos EUA de erradicar o Terrorismo a todo custo, de forma impositiva, bélica e violenta. E que projeto era esse, afinal? De acordo com os Estados Unidos e a mídia ocidental que os apoiava, se tratava de uma estratégia patriótica mas que visava também o bem-estar global, um serviço à humanidade, por assim dizer. Logo após o atentado, o colunista do *Washington Post*, Charles Krauthammer escreveu: “Estamos travando uma guerra de autodefesa. Esta é também uma guerra pela civilização ocidental.”

Outro ponto importante a ser levantado se tratando da cobertura da invasão é o acesso à informação. É fato que, para se formular uma opinião com ao menos alguma esperança de imparcialidade, é necessário ter a história completa e não só partes dela - ainda mais quando as partes são propositalmente selecionadas. Porém, a realidade é que a mídia - que deveria ser a principal portadora de informações e a quem disseminar tudo de forma “imparcial” deveria ser tido como dever -, não cumpriu seu papel. Logo após a decisão de invadir o Afeganistão, vídeos de Osama Bin Laden foram divulgados, porém não chegaram a ser repercutidos na mídia tradicional - ou qualquer outro canal de relevância. Ainda, as imagens via satélite de Cabul e arredores foram censuradas depois que o governo dos EUA estabeleceu um contrato de exclusividade com a empresa que administrava o equipamento na região, impossibilitando, por exemplo, a contagem de perdas civis.

A realidade é que a imprensa e o Estado nunca trabalharam tão intimamente quanto no período após o atentado do 11 de setembro. A porta-voz do Pentágono na época, Victoria Clarke, chamou a parceria de uma “cobertura responsável”, visto que os principais jornais da época noticiavam apenas o que teria sido previamente aprovado pelos Estados Unidos e, não só isso, aceitavam ter seus textos “revisados” - leia-se “censurados” - pelos militares sem grandes questionamentos, aceitando não só a guerra, mas a narrativa a ser contada ao público. Consagra-se assim a “política de colaboração integral com a guerra” (DORNELES, 2002).

Vale também ressaltar que o trabalho jornalístico feito no Afeganistão ficou conhecido pela chamada “Síndrome do Marriott”, fazendo alusão ao hotel onde os profissionais eram direcionados para a fazer a cobertura da guerra e de onde mal saíam. O pouco que foi escrito

pelos jornalistas que se encontravam no local vinha de áreas controladas pelo governo dos EUA.

Eram muitos os mecanismos utilizados pelo Estados Unidos para prolongar o apoio à Guerra e à invasão e sua parceria unificada com a imprensa global. Um novo órgão público denominado Centro de Influência Estratégica foi criado pelos EUA e sediado em três pontos do conflito: Washington, Londres e Islamabad. Esses centros teriam como principal objetivo disseminar informações benéficas e convenientes para os Estados Unidos, de modo a ser repercutido na mídia de forma positiva e responder a qualquer fala de Osama Bin Laden imediatamente. De acordo com reportagem do *O Globo*, de novembro de 2001, uma das primeiras tarefas delegadas ao Centro era a de telefonar para jornalistas de relevância, que participavam de reuniões periódicas no Pentágono, e pedir para que eles deixassem de fazer perguntas “duras e agressivas” em público.

A verdade é que, de fato, passaram a existir questionamentos da mídia logo após o “período de harmonia” entre a imprensa e os EUA acabar. Os jornalistas se perguntavam por que tanto controle na hora da cobertura, por que não poderiam explorar melhor o território, por que limitar as perguntas ou pedir para que elas fossem mais sutis. Porém, é importante ressaltar que, por mais que essas questões existissem e fossem válidas, a confiança nas práticas governamentais e bélicas dos EUA nunca deixou de existir ou ser questionada. Os profissionais de imprensa queriam mais acesso a informação, mas com o objetivo de informar a população sobre como a guerra estaria sendo bem percorrida.

O breve período de bons sentimentos entre a mídia e os militares já está ficando desagradável, com jornalistas se queixando que são mantidos na ignorância (...). Eles acreditam piamente que são de confiança e informarão o povo sem prejudicar o esforço da guerra'. Os jornalistas queriam mais ação, mas sem questionar a guerra santa de Bush.

(DORNELES, 2002, página 24)

- **Bush, o estadista**

Seguindo os passos de seu pai, de nome homônimo, que fora presidente dos Estados Unidos no início da década de 1990, George W. Bush assumiu o mesmo cargo em janeiro de 2001 e lá permaneceu durante oito anos, até deixar o posto em 2009. Sendo o líder do Executivo

durante os Atentados do 11 de setembro, uma das datas mais marcantes do imaginário estadunidense, Bush teve que tomar uma posição forte e determinada em relação ao Terrorismo, instaurando a Guerra ao Terror.

Entre janeiro e agosto [de 2001], a administração de George Walker Bush tendia à paralisia. Sua popularidade era baixa, e a oposição sistemática dos democratas imobilizava a execução de seus projetos
(AITH, Folha de S. Paulo, 2001)

Contrário do que se viu após o fatídico dia, Bush nem sempre foi agraciado pela imprensa, inclusive pode-se dizer que durante seus primeiros meses de mandato, ele era atacado pela mesma, visto com certa desconfiança, na forma de um homem explosivo.

[George Bush Jr] Não é carismático, tem domínio bastante precário de seu próprio idioma e é amplamente reconhecido por não ser exatamente brilhante (...). Pois bem, o atentado permitiu-lhe apresentar-se, pela primeira vez, como presidente de fato dos Estados Unidos.
(ARBEX, 2004, página 60)

Porém, depois do marco terrorista que assolara o solo estadunidense, o governo do presidente não seria mais questionado, inclusive, muito pelo contrário, ele passaria a ser enaltecido por sua postura “assertiva” - pouco tolerante -, mesmo que suas falas fossem muitas vezes embebidas de acusações mal fundamentadas.

Em todos os momentos, depois do 11 de setembro, a imprensa passou a dar destaque às declarações de Bush, mesmo quando são acusações ou declarações alarmistas sem nenhuma comprovação.
(DORNELES, 2002, página 85)

Um exemplo claro desse pacto entre imprensa e Estado foi a declaração do presidente repercutida em toda a mídia ocidental, de que Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda, teria tido acesso a armas nucleares. Essa colocação não tem nenhum embasamento crível, no entanto, ela é muito relevante para os Estados Unidos, e conseqüentemente para Bush, em diversos sentidos e justamente por isso foi veiculada sem grandes questionamentos. Primeiramente, a cruzada e especialmente a força utilizada nessa campanha contra o

Terrorismo e contra os terroristas precisava ser constantemente reforçada. Ainda, ter um setor bélico rentável fazia parte da ordem de interesses da elite.

Segundo reportagem publicada em dezembro de 2001 pela *Folha de S.Paulo*, à época o Congresso tinha acabado de aprovar um novo orçamento militar de 343 bilhões de dólares para o ano de 2002 - excedendo em 50 bilhões de dólares o valor estipulado para a gestão anterior, de Bill Clinton (1992-2000). Após a decisão orçamentária, um novo setor econômico se tornaria favorito dos investidores: “Como resultado, Wall Street já considera os maiores fornecedores de equipamentos militares do Pentágono como os melhores investimentos nos próximos três anos (sete, se Bush for reeleito)”, aponta a notícia.

Bush realmente fora premiado com um “passe livre” da imprensa - e do mundo -, a se ver no constante endossamento de suas falas, cada vez mais radicais depois do 11 de Setembro. O presidente enxergava o mundo em preto e branco. De forma bastante maniqueísta, ele implementou o “bem” e o “mal” como nunca antes, de maneira cru e simples: os que estão conosco e os que estão contra nós. Dessa forma, dava aval para as ações militares dos Estados Unidos antes mesmo que qualquer comprovação de ameaça. A Política de Preempção recebia completo apoio.

Com uma imprensa receptiva assim, Bush pode ir mais longe do que qualquer outro presidente jamais tentou. A retórica foi ficando cada vez mais radical. (...). Declarou o Iraque, o Irã e a Coréia do Norte componentes do ‘eixo do mal’. Disse que está disposto a levar a luta contra o terrorismo até as Filipas, o Oriente Médio e a África. (...). Apesar de sinalizar com guerras indiscriminadamente, a oratória de Bush teve imediato apoio na imprensa.

(DORNELES, 2002, página 89-90)

- Guerra das contradições

No que concerne à mídia tradicional que noticiava a Guerra no Afeganistão observa-se um grande acúmulo de desinformação. A imprensa ocidental tomava como verdade unicamente o que provinha do governo dos EUA e, não só isso, ao repercutir informações de outras fontes faziam questão de colocar que os dados em questão não foram confirmados por “fontes independentes”, ativamente descredibilizando tudo que não era oficial dos Estados Unidos.

Coincidentemente, ou não, muitas das informações coletadas por fontes diversas, que não Washington, iam de encontro com o que havia sido repassado pelos estadunidenses. Ainda em 2001, por exemplo, a mídia tradicional noticiou entusiasmada que o “Afeganistão havia sido tomado” e afirmou com felicitações que o controle aéreo afegão tinha sido tomado por completo. No entanto, deixou de lado o fato de as bombas continuarem sendo despejadas na região e que, inclusive, novas tecnologias bélicas, como a “bomba de fragmentação”, o “tapete de bombas” e a “bomba corta margaridas”, estavam sendo empregadas sem qualquer precaução, matando civis e destruindo o país. A mídia deixava de fazer seu papel de imprensa.

Esta era a guerra das manchetes e das reportagens de destaque. A guerra mais próxima do real estava nas pequenas notas ou em informações mal explicadas no corpo das matérias.

(DORNELES, 2002, página 30)

A descrição da guerra é a de um boletim de campanha. Como se todos os alvos atingidos fossem militares, justamente no momento em que aumentavam as denúncias de mortes de civis.

(DORNELES, 2002, página 32)

A realidade é que as contradições geopolíticas dos Estados Unidos começaram bem antes do 11 de setembro. A propósito, os Talibãs e os EUA nem sempre estiveram em lados opostos. Como já mencionado, durante o fim da década de 1970 e início da década de 1980, em que o Afeganistão sofreu um golpe militar que instaurou um governo soviético no país, os estadunidenses, impulsionados pela Guerra Fria, financiaram em mais de 1 bilhão de dólares os *mujahedins* - guerrilheiros islâmicos - com ajuda armamentista e monetária.

Ou seja, os mesmos guerrilheiros que dariam origem ao governo Talibã e seriam antagonistas da campanha de contraterrorismo dos EUA, foram inicialmente tratados como “moderados” e ajudados na luta contra a expansão socialista soviética. A imagem do grupo só seria revertida em 1988 após os ataques nas embaixadas estadunidenses da Nigéria e do Quênia. A partir desse momento, os Estados Unidos teriam que achar outro grupo - A Aliança do Norte - para se aliar e defender, de forma a continuar exercendo sua posição de influência no governo local e, por conseguinte, protegendo seus interesses econômicos vinculados ao oleoduto que teria de cruzar o território afegão para abastecer o mercado ocidental.

Em 1992 houve a queda do regime pró-soviético e a tomada do poder por islâmicos que os Estados Unidos consideravam moderados. A posição americana não mudou nem quando o governo foi derrubado por talibãs. Mesmo com a lei islâmica e a repressão às mulheres, o Talibã foi apoiado no início, pois era considerado pró ocidental.

(DORNELES, 2001, página 171)

Os Estados Unidos, apoiados pela imprensa, passaram a disseminar a imagem revolucionária e libertadora da Aliança do Norte. No entanto, deixavam de lado que o grupo tinha mais semelhanças com o Talibã do que diferenças. Seu líder, Ahmed Shad Massoud, morto dias antes do atentado do 11 de setembro, teria sido acusado de cometer inúmeros crimes que ferem os direitos humanos, tais quais: assassinato de civis, chacinas, execuções, incêndios, saqueamentos e narcotráfico. Mas esse não era o retrato que o governo Bush, e portanto a mídia, queria promover. Como aponta Carlos Dorneles na página 172 de seu livro “Deus É Inocente, a Imprensa Não”: “Uma outra imagem do Afeganistão teria de ser construída”. Os meios de comunicação seriam responsáveis por criar e disseminar essa nova faceta.

Assim, conforme os planos, a Aliança do Norte, apoiada financeiramente e militarmente pelos EUA, assumiu o controle do Afeganistão em novembro de 2001. Na mídia ocidental esse foi um acontecimento comemorado, afinal, os terroristas teriam sido derrotados, certo? A primeira batalha da Guerra ao Terror teria sido travada e vencida, mostrando a eficácia a ser reproduzida em outros países do “eixo do mal”. Enquanto o Talibã fora colocado, não por acaso, como um governo repressivo e violento, especialmente contra mulheres, a Aliança do Norte traria um modo mais moderno, mais civilizado - mais ocidentalizado.

Na prática, a Aliança do Norte perpetuou a tradição radical deixada pelo Talibã - as mudanças não foram tão efetivas assim. Toda a “libertação” vinha também com grandes ressalvas. O Afeganistão estaria se modernizando, é verdade, mas dentro dos parâmetros dos ensinamentos islâmicos. Ou seja, as mulheres poderiam estudar. Mas apenas os cursos pré-determinados pelo governo. As mulheres também poderiam trabalhar. Como parteiras e professoras. A burca não seria mais imposta. Porém fortemente encorajada. Por sinal, mulheres deveriam evitar sair com os cabelos à mostra - não uma regra, apenas uma recomendação.

No que concerne aos direitos humanos, a mídia e os Estados Unidos pouco se preocuparam. Apesar da imprensa veicular o “Novo Afeganistão” com mulheres livres estudando e trabalhando, pessoas ouvindo música e homens desbarbados, certas informações relevantes eram convenientemente deixadas de lado. O Talibã deixara heranças de apedrejamento, execuções públicas e amputamentos por roubo, práticas essas que seriam perpetuadas no novo governo, porém, para a tranquilidade de todos, com certas amenidades. O apedrejamento seria feito com pedras menores, dando às vítimas uma chance de sobrevivência e as execuções não mostrariam mais os corpos mortos por dias, apenas por alguns minutos. Ainda que essas concessões pareçam absurdas, elas foram de fato verbalizadas à época por juízes locais e pelo presidente da Suprema Corte do Afeganistão.

Toda imprensa mostrou homens barbeando-se, gente ouvindo música a todo volume e mulheres mostrando o rosto em público pela primeira vez. Eram cenas necessárias como notícia em um momento de libertação.

(DORNELES, 2002, página 171)

Além das contradições acima expostas, talvez a mais latente de todas seja a “preocupação” que os Estados Unidos passaram a demonstrar com a constituição social do Afeganistão. Depois de invadir o país, tendo em vista seus interesses econômicos e anti-terroristas, e estabelecido um novo governo, representado pela Aliança do Norte, os estadunidenses não poderiam simplesmente abandonar a nação afegã, ainda mais com a crescente destruição provocada pelas batalhas travadas com o Talibã. Os Estados Unidos assumiram então um compromisso contra a pobreza, a fome e a miséria.

No início de 2002 uma reunião sediada em Tóquio com representantes de mais de 60 países convocou uma ajuda urgente ao Afeganistão. Cerca de 1,8 bilhão de dólares foram prometidos ao país, dinheiro este que não só serviria para reconstrução do país e estancamento de carências sociais, mas também serviria para fomentar a esperança do povo afegão, que estava cego pelo ódio. Apesar dos planos, o orçamento nunca de fato chegou ao território afegão, um ano depois das promessas, nem um terço do valor prometido teria sido entregue para as autoridades competentes.

E assim, o Afeganistão caiu no esquecimento da mídia ocidental novamente. Lembrado apenas em circunstâncias específicas e com pequenas notas nos principais meios de comunicação, o país sofreu as consequências de uma invasão mal planejada dos EUA, que tinha como principal objetivo demonstrar força para o mundo - o que ninguém duvidava - e amedrontar terroristas - o que não fez. No fim, os afegãos sofreram com a destruição do seu país, as mulheres sofreram com as imposições da lei islâmica - interpretada por homens, é claro - a fome persistiu, a miséria se alastrou, mas os interesses estadunidenses partiram para outro alvo - o Iraque.

Um dos países mais pobres do mundo, dois terços de analfabetos, média de expectativa de vida de apenas 43 anos e mortalidade infantil pelo menos 35% maior do que as nações mais miseráveis da África (...). Um pedaço esquecido do mundo que só vira notícia quando está em jogo o interesse de uma grande potência.

(DORNELES, 2002, página 170)

A miséria continua a mesma. A fome é devastadora. A economia está estagnada. A destruição causada pelos bombardeios jamais foi mensurada pela imprensa ocidental, nem o número de mortos.

(DORNELES, 2002, página 180)

5. Considerações Finais

Como apresentado na introdução, o intuito deste ensaio é desenvolver uma análise crítica a respeito da invasão protagonizada pelos Estados Unidos no Afeganistão, após os atentados no dia 11 de setembro de 2001. A pesquisa passa por uma breve contextualização a respeito dos mujahedins, do Talibã, de Osama Bin Laden e da Al-Qaeda. Esse apanhado colocado no início procura trazer conhecimentos relevantes para a continuidade da pesquisa.

Tendo como foco central a invasão dos EUA no Afeganistão, julgou-se importante estabelecer uma relação de causa e consequência: qual o ponto de partida dessa ofensiva protagonizada pelos estadunidenses? O dia 11 de setembro de 2001, conhecido mundialmente como a data em que os Estados Unidos sofreram um atentado em seus símbolos econômico (World Trade Center) e militar (Pentágono), foi escolhido como ponto pé inicial e, saindo dele, foi traçada uma narrativa que tenta explicar como o ataque foi feito, detalhando o sequestro dos aviões e os preparativos para tal. Conclui-se que se tratou de uma estratégia elaborada, que precisou de disciplina e organização por parte de seus colaboradores.

Na segunda parte do presente ensaio, é apresentada a reação dos Estados Unidos, encabeçada pelo seu então presidente, George W. Bush, frente aos atentados. Bush toma uma postura rigorosa e declara guerra, não a um inimigo ou nação específica, mas ao “Terror”. Ele implanta suas políticas contra-terroristas, estabelecendo um “eixo do mal”, no qual todos os que não acatassem seus ideais retaliativos seriam vistos como inimigos e, por sua vez, estariam suscetíveis a ataques. Bush, em essência, inibe a possibilidade de permanecer neutro diante do conflito.

Ainda, na terceira parte, é feita uma análise da cobertura midiática feita à época diante do que acontecia no Afeganistão. É levantada uma série de reflexões a respeito da mídia enquanto formadora da opinião pública. No mais, é feita uma análise sobre a “imparcialidade” da imprensa, e são colocados pontos importantes referentes ao funcionamento dos meios de comunicação enquanto corporações, que visam proteger seus interesses, e os interesses de uma elite - da qual fazem parte - para assim perpetuar sua lógica contínua de dominação.

Diante desse apanhado, cabe retomar aos questionamentos propostos na introdução: mas afinal, o que pode ser tirado dessa ofensiva protagonizada pelos EUA no Afeganistão? A

Guerra ao Terror, declarada por Bush em 2001 frente aos atentados, tinha como objetivo demonstrar os EUA como uma potência militar capaz de 1. responsabilizar a Al-Qaeda e seus apoiadores pelo ataque em solo estadunidense, dessa forma impedindo que o Talibã e outras entidades - e aqui incluem-se Estados também - oferecessem refúgios a “terroristas” e 2. erradicar o Terrorismo como um todo.

Mais especificamente, a *Operation Enduring Freedom*, que atuou no Afeganistão, teve objetivos traçados em acordo com a Guerra ao Terror. Eram eles: 1. aniquilar os santuários da Al-Qaeda no país, 2. capturar e matar Osama Bin Laden e outros membros do alto escalão da Al-Qaeda, que, segundo os Estados Unidos, se escondiam em solo afegão e 3. mitigar ao máximo a atuação de organizações consideradas terroristas, de forma a erradicar o terror.

Atualmente, após 22 anos desde o início da Guerra ao Terror, que teve seu começo declarado em outubro de 2001, é possível analisar quais os desdobramentos dessa ofensiva, refletindo sobre o sucesso dessa missão. No que concerne aos objetivos propostos, pode-se dizer que a operação como um todo falhou terrivelmente. Isso porque, Osama Bin Laden só foi capturado e morto por forças estadunidenses em 2011 - dez anos depois do início da ofensiva. Além disso, os EUA falharam em aniquilar - ou até mesmo mitigar - as articulações dentro da Al-Qaeda, visto que Osama Bin Laden orquestrou as logísticas dentro da organização até seu falecimento (JOSCELYN, 2020).

Ainda, mesmo com a morte de Osama Bin Laden, a Al-Qaeda não deixou de existir. Inclusive o “herdeiro” de Bin Laden, o egípcio Ayman al-Zawahiri, deu continuidade ao projeto de seu antecessor, atuando diretamente do Afeganistão até seu assassinato, em 2022, por forças militares estadunidenses. Para além disso, os santuários da Al-Qaeda dentro de países como o Afeganistão e o Paquistão continuam a existir, da mesma forma que ainda existem organizações terroristas se articulando. Não foi possível, seguindo a vontade de Bush, “erradicar o terror”, e, na realidade, questiona-se se isso, em qualquer cenário, qualquer ofensiva, qualquer guerra seria sequer factível. Ao que parece, trata-se de uma fala mal pensada de um líder arrogante o suficiente a ponto de achar que pode controlar a mente de todos os seres humanos do planeta.

Falando apenas em números, a Guerra ao Terror de Bush, custou cerca de 8 trilhões de dólares, matou cerca de 940 mil pessoas diretamente e mais de 4 milhões indiretamente. No que concerne diretamente ao Afeganistão, estatísticas levantadas pela Brown University demonstram que, em 20 anos de guerra, a insegurança alimentar aumentou em 30%, a desnutrição entre crianças com menos de 5 anos disparou em 41% e a pobreza cresceu em 17%. Além disso, as promessas feitas em relação à ajuda humanitária, como já mencionado anteriormente, não foram cumpridas. Desde 2001, os EUA despenderam 36 bilhões de dólares para o desenvolvimento social e econômico do Afeganistão, ao passo que gastaram 2 trilhões de dólares na indústria bélica - certamente a maior favorecida nesse cenário.

Ainda, para concluir, vale mencionar que, apesar da *Operation Enduring Freedom* ter sido formalmente encerrada em dezembro de 2014, as tropas estadunidenses permaneceram no Afeganistão até 2021. As negociações para a retirada militar começaram durante a administração de Donald Trump (2016-2020), e foram de fato concretizadas durante o atual governo do democrata Joe Biden. Em agosto de 2021, o Talibã tomou Cabul e retomou o poder do país.

- Outubro de 2023

Em outubro de 2023 mais um capítulo do conflito envolvendo Israel e Palestina se desenrolou. Um ataque protagonizado pelo grupo fundamentalista Hamas no dia 7 acirrou os ânimos entre as partes envolvidas, provocando uma reação agressiva do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu. Diante disso o atual presidente dos EUA, Joe Biden, refletiu a respeito das decisões tomadas pelos Estados Unidos após os atentados do 11 de setembro e pediu a Netanya que ele “não cometa os mesmos erros que os EUA cometeram”. Essa afirmação se faz relevante para o presente ensaio, uma vez que demonstra de forma clara, como o líder político dos Estados Unidos enxerga a invasão ao Afeganistão em 2001 atualmente.

Abrindo brecha para um paralelo entre o que aconteceu no Afeganistão em 2001 e o que acontece atualmente na Faixa de Gaza, Biden mostra como certas atitudes tomadas pelos estadunidenses à época são atualmente vistas como um erro. Em diálogo com Netanyahu - a quem prometeu ajuda militar, dada a proximidade entre Washington e Tel Aviv -, o presidente dos EUA urge para que o israelense não seja “consumido pela raiva”, indicando como a

decisão retaliativa de Bush em 2001 foi tomada com base em emoções, de forma repentina e mal planejada, culminando em uma inevitável catástrofe humanitária que, em essência, não desacelerou qualquer tipo de articulação terrorista - o principal objetivo colocado pelos EUA no que concerne a Guerra ao Terror.

6. Referências Bibliográficas

- AFFAIRS, Watson Institute International And Public. **Costs of War**. Brown University. Disponível em: <<https://watson.brown.edu/costsofwar/figures>>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- AFFAIRS, Watson Institute Intenational And Public. **Afghanistan before and after 20 years of war (2001-2021)**. Brown University. Disponível em: <<https://watson.brown.edu/costsofwar/figures>>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- AITH, Marcio. Cofres dos EUA se abrem à indústria bélica. **Folha de São Paulo**. Washington, dez. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1612200104.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- ARBEX, José. O atentado que não foi o maior da história. In: ARBEX, José. **O Jornalismo Canalha: A promíscua relação entre a mídia e o poder**. São Paulo: Casa Amarela, 2004. p. 49-81.
- **ATAQUE ao Pentágono**. [S.I.]: National Geographic, 2016. Son., color. Legendado.
- BORGER, Julian. Biden tells Israel not to ‘repeat mistakes’ made by US after 9/11. **The Guardian**. Tel Aviv. 18 out. 2023. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2023/oct/18/joe-biden-urges-israel-not-be-consumed-by-rage-pledges-support-netanyahu-gaza-hamas>>. Acesso em: 29 out. 2023.
- BROCKELL, Gillian; BROCKELL, Gillian. She was the only member of Congress to vote against war in Afghanistan. Some called her a traitor. **The Washington Post**. Washington. 17 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/history/2021/08/17/barbara-lee-afghanistan-vote/>>. Acesso em: 29 out. 2023.
- BUSH, George W. **Adress to the Joint Session of the 107th Congress**. United States Capitol. Washington D.C. 20 de setembro de 2001.
- CACCIA BAVA, Sílvio. **A Guerra das Ideias: A Disputa de Narrativas**. 8 de março de 2016.
- COMPARATO, Fábio Konder. Prefácio. In: DORNELES, CARLOS. **Deus é Inocente A Imprensa, Não**. Editora Globo. 2002, pp. 13-16.
- DORNELES, Carlos. **Deus é Inocente A Imprensa, Não**. Editora Globo. 2002.

- JOSCELYN, Thomas; DEMOCRACIES, Foundation For Defense Of. **The Failures of Operation Enduring Freedom.** Disponível em: <<https://www.fdd.org/analysis/2020/10/07/failures-of-operation-enduring-freedom>>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- KAMIYA, Gary. "Petróleo motiva guerra afegã", diz Vidal. **Folha de São Paulo.** São Paulo, p. 1-2. 12 maio 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1205200209.htm>>. Acesso em: 8 set. 2023.
- LIBRARY, George W. Bush Presidential. **Global War on Terror.** Disponível em: <<https://www.georgewbushlibrary.gov/research/topic-guides/global-war-terror>>. Acesso em: 16 set. 2023.
- MAGAZINE, Der Spiegel. **Inside 9-11: What Really Happened.** St. Martin's Paperbacks. 2002.
- MAGAZINE, New York. **9/11 by the Numbers.** Disponível em: <<https://nymag.com/news/articles/wtc/1year/numbers.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2023.
- MARSDEN, Peter. **The Taliban: War and Religion in Afghanistan.** Londres: Zed Books Ltd, 2002. 162 p.
- MEMORIAL, 9/11. **Names on the 9/11 Memorial.** Disponível em: <<https://www.911memorial.org/visit/memorial/names-911-memorial>>. Acesso em: 18 set. 2023.
- NASSER, Reginaldo. A Ocupação do Afeganistão: Começa A Guerra Contra o Terrorismo. In: NASSER, Reginaldo. **A Luta contra o Terrorismo: os EUA e os "amigos" talibãs.** 2021, pp. 103-140.
- POST, Jerrold M. **Killing in the name of God: Osama Bin Laden and Al-Qaeda.** 2002. 18 f.. Air University, Islamabad, 2002. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA457552.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2023.
- SAINT-PIERRE, Hector. **A Necessidade Política e Conveniência Estratégica de se definir "terrorismo".** Idéias, Campinas, 2003, pp. 129-162.
- STATE, US Department Of. **The Charges against International Terrorist Usama Bin Laden.** 2001. Disponível em: <https://1997-2001.state.gov/www/regions/sa/bin_laden_charges.html#:~:text=Februa>

ry%201998%20%2D%20Fatwa%20Against%20American,%2C%20on%20February
%2023%2C%201998%2C>. Acesso em: 12 jul. 2023.

- ZUCKOFF, Mitchell. **Fall and Rise: The Story of 9/11**. Harper. 2019.